

Marcelo Porto

**TRANSFERÊNCIAS VISUAIS: UM RECURSO
INDISPENSÁVEL NA COMUNICAÇÃO DA LIBRAS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção de título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marianne Rossi Stumpf

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Porto, Marcelo

Transferências visuais : um recurso indispensável na
comunicação da libras / Marcelo Porto ; orientadora,
Marianne Rossi Stumpf - Florianópolis, SC, 2016.
91 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós
Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Língua de sinais. 3. Libras. 4.
Iconicidade. 5. Transferências visuais. I. Stumpf,
Marianne Rossi. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III.
Título.

Marcelo Porto

**TRANSFERÊNCIAS VISUAIS: UM RECURSO
INDISPENSÁVEL NA COMUNICAÇÃO DA LIBRAS**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Linguística”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 28 de março de 2016.

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Marianne Rossi Stumpf
Presidente da Banca - Orientadora (UFSC)

Prof.^a Dr.^a Aline Lemos Pizzio
Membro do Corpo Docente (UFSC)

Prof.^a Dr.^a Janine Soares de Oliveira
Membro do Corpo Docente (UFSC)

Prof.^a Dr.^a Kelly Priscilla Lóddo Cezar
Membro Convidado (UFPR)

Ao meu filho querido
Kauan Lopes Porto.

AGRADECIMENTOS

A Deus por iluminar meu caminho.

A minha querida orientadora, Profa. Dra. Marianne Rossi Stumpf, por sua dedicação e apoio.

A Profa. Dra. Kelly Priscilla Lôddo Cezar pela confiança em trilhar meu caminho no mestrado.

Aos professores que participaram do exame de qualificação pelas valiosas contribuições: Profa. Dra. Aline Lemos Pizzio e Profa. Dra. Janine Soares de Oliveira.

Aos meus colegas surdos que se prontificaram abertamente em fazer parte da pesquisa, sempre dispostos.

Aos meus pais, Adenir Porto e Vera Lúcia Porto por me apoiarem, por me fortalecerem.

Ao meu irmão Sílvio Porto e meu sobrinho João Gabriel Steinbach Porto que estiveram sempre presentes neste momento.

À querida Maria Isabel Carlos Maia Rocha pela amizade, pela dedicação e pelo incentivo.

Aos melhores amigos Emerson Cristiano Pereira Monteiro (in memoriam) e Airton Luciano de Oliveira.

Aos colegas do Mestrado – disciplinas Alexandre Bet da Rosa Cardoso e Saulo Zulmar Vieira pelas trocas e pelo companheirismo.

Aos colegas Aldemar Balbino da Costa, Jusélio Mattos do Amaral e Marília Costa Pessanha Lara pela disponibilidade.

RESUMO

As línguas de sinais sempre foram vistas como uma língua menosprezada socialmente, grande parte, por apresentarem um alto grau de iconicidade. Tal característica foi reforçada pelos estudos linguísticos tradicionais, como conhecimentos secundários e sem importância para descrições das línguas. Atualmente os aspectos da visualidade vêm ganhando seu espaço nos estudos científicos, em especial, na área da comunicação e adentrando os estudos linguísticos (CUXAC, 2005; CAMPELLO, 2008). É nessa abordagem teórica que a presente dissertação se respalda. Nela, a imagem se constrói por meio da iconicidade do signo visual e assim são construídas relações prováveis de significância. Dessa forma, do ponto de vista teórico o presente estudo visa preencher uma lacuna de valorização da gestualidade e da iconicidade na teoria linguística, visando contribuir para o enriquecimento e utilização da comunicação em sinais. Partindo dessas considerações, a presente dissertação teve por objetivo descrever os tipos de transferências que ocorrem em uma comunicação de surdos. A hipótese norteadora é de que em uma comunicação cotidiana que não apresentam convenção padronizada de sinais os surdos conseguem se explicar e relatar o tema focalizado fazendo uso da iconicidade e da gestualidade sem prejuízos na comunicação, visto que apresentam uma estrutura de funcionamento – transferências visuais. Partindo desse pressuposto, firmamos como objetivo descrever e analisar os tipos de transferências visuais em uma comunicação específica de um determinado grupo (surfe). Para atender aos objetivos, optamos pela metodologia de campo com abordagem qualitativa. A pesquisa contou com dois participantes surdos, fluentes em libras e com experiência na prática do surfe, sendo um da cidade de Torres (RS) e outro de Florianópolis (SC). A diferença geográfica seria interessante, permitindo verificar se há uso de estratégias distintas, regionais, e quais são as estratégias comuns. A eles foi apresentado três vídeos que mostravam eventos muito diferentes de surfar (magnitude da onda e na postura e movimentação do surfista frente a elas). A partir da descrição delas relatadas pelos participantes da pesquisa identificamos os cinco tipos de transferência elencados por Campello (2008), sendo: 1) Transferência de Tamanho e de Forma – TTF; 2) Transferência Espacial – TE; 3) Transferência de Localização – TL; 4) Transferência de Movimento – TM e; 5) Transferência de Incorporação – TI. Os dados revelaram que todos os tipos de transferências foram abordados, no entanto como a temática era o surfe e a velocidade da onda acabava por determinar o tipo de evento

(rápida, longa, imensa) a transferência de movimento e velocidade foram as mais marcadas. Além disso, mesmo sendo dois participantes de dois locais geográficos diferentes, as produções visuais foram realizadas de forma muito similar no relato dos três vídeos. Dessa forma, podemos concluir dizendo que compreender o funcionamento dos tipos de transferências visuais sob os aspectos linguísticos da iconicidade e da gestualidade pode tornar um recurso indispensável para comunicação e valorização desses aspectos para as línguas de sinais, em especial, a de libras.

Palavras-chave: Língua de sinais. Libras. Iconicidade. Transferências visuais.

ABSTRACT

Sign languages have always been seen as a language socially underestimated, largely because they have a high degree of iconicity. This feature has been enhanced by traditional linguistic studies, as secondary and unimportant knowledge for descriptions of language. Currently aspects of visuality is gaining its place in scientific studies, especially in the area of communication and into the linguistic studies (CUXAC, 2005; CAMPELLO, 2008). It is in this theoretical approach that this dissertation supports. In it, the image is built through iconicity of visual sign and so likely significance relationships are built. Thus, from a theoretical libras of view the present study aims to fill a gap value of gestures and iconicity in linguistic theory, to contribute to the enrichment and use of communication signals. Based on these considerations, the present work aimed to describe the types of transfers that occur in communication of the deaf. The guiding hypothesis is that in an everyday communication that do not have standardized convention signals the deaf are able to explain and report focused theme making use of iconicity and gestures without reducing the communication, as have a working structure - visual transfers. Based on this assumption, we entered into the objective to describe and analyze the types of visual transfers in a specific communication of a particular group (surfing). To meet the goals, we chose the field methodology with a qualitative approach. The research included two deaf participants, fluent in pounds and experience in surfing, one of the city of Torres (RS) and other Florianópolis (SC). The geographical difference would be interesting, allowing check for use of different strategies, regional, and what are the common strategies. To them it was presented three videos showing very different events of surfing (wave magnitude and posture and movement Surfer front of them). From the description of them reported by survey participants identified five types of transfer listed Campello (2008), as follows: 1) Size and Shape Transfer - TTF; 2) Space Transfer - TE; 3) Transfer Location - TL; 4) Movement transfer - and TM; 5) Merger Transfer - IT. The data revealed that all types of transfers have been addressed, however as the theme was surfing and the wave speed would eventually determine the type of event (fast, long, huge) motion transfer and speed were the most marked. Moreover, even if two participants in two different geographic locations, the visual productions were performed in very similar report of three videos. Thus, we can conclude by saying that understanding the functioning of the types of visual transfers under the linguistic aspects of

iconicity and gestures can become an indispensable resource for communication and appreciation of these aspects to sign languages, in particular the libras.

Keywords: Sign language. Libras. Iconicity. Visual transfers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Exemplos adaptados de Britto (1995)..... | 22 |
| Figura 2 - Esquematização e codificação do sinal árvore. | 32 |
| Figura 3 - Mudança de Sinal. | 37 |
| Figura 4 - Imagem do primeiro vídeo. | 47 |
| Figura 5 - Imagem do segundo vídeo..... | 48 |
| Figura 6 - Imagem do terceiro vídeo. | 48 |
| Figura 7 - Onda Grande..... | 51 |
| Figura 8 - O Surfista de Onda. | 52 |
| Figura 9 - O Surfista de Onda Grande..... | 52 |
| Figura 10 - O Surfista de Onda de Meio. | 53 |
| Figura 11 - O Surfista por dentro da Onda. | 53 |
| Figura 12 - Transferência de tamanho (surfista). | 57 |
| | |
| Imagem 1 - Representação sinalizada do primeiro vídeo..... | 55 |
| Imagem 2 - Representação sinalizada do terceiro vídeo. | 55 |
| Imagem 3 - Representação sinalizada do segundo vídeo. | 55 |
| Imagem 4 - Representação sinalizada do primeiro vídeo..... | 58 |
| Imagem 5 - Representação sinalizada do segundo vídeo. | 58 |
| Imagem 6 - Representação sinalizada do terceiro vídeo. | 59 |
| Imagem 7 - Representação sinalizada do primeiro vídeo..... | 60 |
| Imagem 8 - Representação sinalizada do segundo vídeo. | 60 |
| Imagem 9 - Representação sinalizada do primeiro vídeo..... | 61 |
| Imagem 10 - Representação sinalizada do segundo vídeo. | 62 |
| Imagem 11 - Representação sinalizada do terceiro vídeo. | 62 |
| Imagem 12 - Representação sinalizada do primeiro vídeo..... | 63 |
| Imagem 13 - Representação sinalizada do segundo vídeo. | 64 |
| Imagem 14 - Representação sinalizada do terceiro vídeo. | 65 |
| Imagem 15 - Representação sinalizada do primeiro vídeo..... | 66 |
| Imagem 16 - Representação sinalizada do segundo vídeo. | 67 |
| Imagem 17 - Representação sinalizada do terceiro vídeo. | 68 |
| Imagem 18 - Representação sinalizada do primeiro vídeo..... | 68 |
| Imagem 19 - Representação sinalizada do primeiro vídeo..... | 69 |
| Imagem 20 - Representação sinalizada do primeiro vídeo..... | 70 |
| Imagem 21 - Representação sinalizada do primeiro vídeo..... | 71 |
| Imagem 22 - Representação sinalizada do segundo vídeo. | 72 |
| Imagem 23 - Representação sinalizada do terceiro vídeo. | 72 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|---------------------------------------|
| ASL | – Língua de Sinais Americanas |
| CM | – Configuração de Mãos |
| ENM | – Expressões Não-Manuais |
| L | – Locação de Mãos |
| LIBRAS | – Língua Brasileira de Sinais |
| LIBRAS | – Língua de Sinais Brasileira |
| LOs | – Línguas Orais |
| LS | – Língua de Sinais |
| LSF | – Língua de Sinais Francesa |
| LSs | – Línguas de Sinais |
| M | – Movimento |
| O | – Orientação de Mãos |
| RS | – Rio Grande do Sul |
| SC | – Santa Catarina |
| TE | – Transferência Espacial |
| TI | – Transferência de Incorporação |
| TL | – Transferência de Localização |
| TM | – Transferência de Movimento |
| TTF | – Transferência de Tamanho e de Forma |

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 19 |
| 2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 25 |
| 2.1 | LINGUÍSTICA E A LÍNGUA DE SINAIS..... | 25 |
| 2.2 | PADRONIZAÇÃO E VARIAÇÃO..... | 27 |
| 2.3 | Língua de sinais brasileira: iconicidade e gestualidade..... | 29 |
| 2.4 | DESCRIÇÃO IMAGÉTICA..... | 34 |
| 2.4.1 | Tipos de Transferência | 40 |
| 2.4.1.1 | Transferência de tamanho e/ou de forma (TF)..... | 40 |
| 2.4.1.2 | Transferência Espacial (TE)..... | 41 |
| 2.4.1.3 | Transferência de Localização (TL) | 42 |
| 2.4.1.4 | Transferência de Movimento (TM)..... | 43 |
| 2.4.1.5 | Transferência de Incorporação (TI)..... | 43 |
| 3 | METODOLOGIA | 45 |
| 3.1 | OBJETIVO GERAL | 45 |
| 3.1.1 | Objetivos específicos | 45 |
| 3.2 | SUJEITOS DA PESQUISA | 45 |
| 3.3 | INSTRUMENTOS DE PESQUISA..... | 46 |
| 3.3.1 | Coleta de dados | 46 |
| 3.3.2 | Vídeo 1 | 47 |
| 3.3.3 | Vídeo 2 | 47 |
| 3.3.4 | Vídeo 3 | 48 |
| 3.4 | CORPUS | 49 |
| 4 | APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS | 51 |
| 4.1 | TIPOS DE TRANSFERÊNCIAS: DA ICONICIDADE A COMPREENSÃO..... | 51 |
| 4.1.1 | Transferência de Tamanho e de Forma (TTF) | 51 |
| 4.1.2 | Transferência Espacial (TE) | 52 |
| 4.1.3 | Transferência de Localização (TL) | 52 |
| 4.1.4 | Transferência de Movimento (TM) | 53 |
| 4.1.5 | Transferência de Incorporação (TI) | 53 |
| 4.2 | ANÁLISE DOS DADOS..... | 54 |
| 4.2.1 | Transferência de Tamanho e de forma – TTF | 54 |
| 4.2.2 | Transferência Espacial (TE) | 57 |
| 4.2.3 | Transferência de Localização (TL) | 60 |
| 4.2.4 | Transferência de Movimento (TM) | 63 |
| 4.2.5 | Transferência de Incorporação (TI) | 70 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 73 |
| | APÊNDICE A – Vídeos | 83 |

| | |
|--|-----------|
| ANEXO A – Termo de Consentimento e Esclarecimento. | 90 |
|--|-----------|

1 INTRODUÇÃO

Desde cedo me interessei pelas expressões faciais e corporais, porque percebia que possibilitavam a comunicação, inclusive com ouvintes que desconheciam a libras.

Através das expressões e gestos é possível perceber a emoção da pessoa e mesmo na comunicação em línguas orais. Observa-se que os gestos e expressões faciais e corporais estão sempre presentes. Semelhantemente, nas artes dramáticas como o teatro, a televisão e o cinema. As expressões permitem compreensão quando não há acessibilidade linguística (na ausência de legendas, por exemplo).

Durante o curso de graduação em Letras-Libras, a descrição linguística das línguas de sinais veio ao encontro dessa percepção, ao considerar que a gestualidade, as expressões faciais-corporais e os classificadores como elementos intrinsecamente linguísticos. É visto que os materiais para ensino de língua portuguesa – tanto para os estudantes surdos como para os estudantes ouvintes - não mencionam a existência desse recurso na comunicação cotidiana, apresentando exclusivamente à escrita. Esse fato é surpreendente, especialmente ao considerarmos o seu grande valor para a comunicação.

A ausência da questão da gestualidade nos materiais didáticos é reflexo da ausência dessa discussão na linguística. Há um entendimento que os gestos não são parte da língua, sendo parte de um fenômeno de menor importância, deficitário. Com isso, a gestualidade não é estudada nem realizados registros dos tipos de gestos existentes. A ausência de registros traz o problema de não ser possível acompanhar a origem e mudança dos gestos. O problema se coloca quando na linguística, que deve seguir os princípios de pesquisa científica de questionamento e quebra de dogmas. Há consenso geral sobre a suposta pouca importância dos gestos. Dessa maneira, a falta de pesquisas, de referenciais bibliográficos, de catalogação dos dados permanecem.

Apesar disso, o estudo da gestualidade tem se afirmado como um novo campo de pesquisa. Ao inserir minha pesquisa nesse campo, enfrente uma dificuldade dobrada, mas é um esforço que apoia uma área nova (dentro da qual há diversos temas a serem investigados, não somente os gestos). Essa opção é baseada no entendimento de que é importante mostrar para a comunidade geral e científica essa face da comunicação, e que essa área tem um arcabouço teórico e conceitual.

Os gestos são parte natural da comunicação, permitindo qualidade, expressividade, existindo em vários tipos diferentes e sendo um recurso antigüíssimo. O desprezo que a linguística atual tem pela gestualidade pode ser rastreado na filosofia antiga, que colocava a fala e a escrita acima dos gestos e acreditava que isso poderia suprimir os gestos. Entretanto, mesmo com a implementação desses ideais, a existência dos gestos não se alterou, persistindo até hoje.

Um gesto pode surgir através de combinados ou de expressões espontâneas. A existência de sinais caseiros tem a ver com isso: cada família estabelece os seus sinais caseiros.

A gestualização carrega características do grupo social onde se origina (e.g.: rural, urbano, rico, classe média). Em ambientes de maior monitoramento formal, o uso de gestos é reduzido, mas não é eliminado: por exemplo, o gesto de “*ali*”, que é altamente comum e nunca é “percebido” pela análise linguística. Além dessa variação social e de registro, países diferentes usam gestos diferentes: a cultural italiana é tipicamente associada a um uso intenso de gestos, mesmo quando se trata de não-usuários de línguas de sinais. Isso acontece porque língua e comunicação não estão presentes exclusivamente na fala e na escrita, mas nas expressões faciais; na postura; no posicionamento de braços, mãos e dedos; o corpo todo é parte do contexto comunicativo em que a fala acontece. Portanto, essas questões são pertinentes não só para a linguística de línguas de sinais, mas para a linguística geral.

Uma linguística de línguas de sinais excessivamente preocupada em afirmar que a língua de sinais (LS) não são gestos, como é a maioria da linguística atual, perde a capacidade de enxergar diversos fenômenos. O estudo da gestualidade só faz acrescentar à investigação das LSs. É evidente que existem sinais abstratos nas LSs, mas a presença de sinais icônicos também é inegável. Portanto, ao pensarmos na origem das línguas de sinais, a pesquisa da gestualidade mostra-se muito produtiva.

Até hoje, os gestos podem servir como apoio às LS, providenciando substitutos para quando não há sinais. Isso também fala muito do valor dos gestos, são fornecedores de léxico para as LSs.

Na área de investigação, meu primeiro contato com o campo de estudo investigado se deu durante a graduação em Letras-Libras (UFSC), em especial, na disciplina de gestualidade, ministrada pelo professor Tarcísio Leite. Na sequência de meus estudos, o tema a ser pesquisado foi revivido durante o mestrado, quando a professora Marianne Stumpf apresentou-me a pesquisa do investigador francês Christian Cuxac (2005). Nela, o tema central é sobre a gestualidade e a língua de sinais

francesa¹. Mas, foi mesmo com a leitura do doutorado da professora Ana Regina Campello intitulada *Aspectos da visualidade na educação de surdos* (2008) que consegui delimitar a área que de fato despertava meu interesse, em especial, por revisitar a pesquisa de Cuxac (2005), na qual o conceito de transferência foi ao encontro do tema que desejava pesquisar.

A partir disso, o presente trabalho teve por objetivo descrever os tipos de transferências em uma comunicação de surdos. A intenção primária foi a de preencher uma lacuna de valorização da gestualidade e da iconicidade na teoria linguística, visando contribuir para o enriquecimento e utilização da comunicação em sinais.

O enriquecimento na descrição das línguas de sinais é os classificadores² (transferências) são elementos amplamente utilizados na comunicação em Libras. São definidos pela literatura especializada como “[...] um campo de representações de categorias que revelam o tamanho e a forma de um objeto, a animação corporal de um personagem ou como um instrumento a ser manipulado” (RAY-MAN, 1999, p. 82). Quando estamos em um processo de narrativas, Morgan (2005) salienta que um classificador é utilizado para manter a referência a um objeto ou personagem anteriormente mencionado por meio de um sinal.

Cabe destacar que, os classificadores não são considerados sinais. Trata-se de uma percepção visual que é utilizada como um recurso comunicativo com o intuito de promover um maior detalhamento a determinado fato que está sendo posto em evidencia. Para melhor esclarecer, observaremos um exemplo de narrativa de um acidente de carro. Nela, uma mão representara uma árvore e a outra um carro, como mostra a seguir:

¹ Como essa pesquisa é apresentada em francês e o mestrado tem um tempo restrito que impossibilita a tradução integral dos textos para o português, não foi possível fazer a leitura direta de Cuxac. Entretanto, para pesquisas futuras, pretendo trabalhar diretamente com esse autor.

² Cuxac (2005) e Campello (2008) como literatura especializada.

Figura 1 - Exemplos adaptados de Britto (1995).



Fonte: elaborada pelo autor.

Destacaremos que, diferentemente da ordem linear das línguas orais, o classificador expressa maiores detalhes sobre como a situação ocorreu - no caso, o acidente automobilístico. A partir dos exemplos em destaque observaremos que os classificadores exercem a função ou expressam: movimento, direção, localização, configuração (forma das mãos durante o movimento); as expressões faciais e corporais, orientação espacial e proporcionam a um sinal poder ser acrescido de informações diferenciadas.

Considerando tal importância para a efetivação mais clara da comunicação, os classificadores são de suma importância para a comunicação nas línguas de sinais (CUXAC, 2005; CAMPELLO, 2008), em especial, em libras. Em contato com essa teoria, interessei-me pelo tema e ao iniciar o levantamento bibliográfico, deparei-me com a escassez de materiais acadêmicos e científicos disponíveis para investigação. Junto às inquietações pessoais sobre o tema, surgiu também o interesse em

contribuir com essa área de conhecimento na linguística das línguas de sinais.

Neste sentido, surgiram as seguintes hipóteses que nortearam a presente pesquisa: 1) *Como um sinalizante de um determinado grupo (surfista) consegue (se consegue) expressar um conteúdo específico de sua comunidade (a descrição de uma onda).* 2) *Quais seriam os classificadores utilizados para efetivar a comunicação em libras.* 3) *Como um sinalizante não-pertencente ao grupo consegue compreender o que está sendo dito, mediante a com riqueza de detalhes típicas de uma narrativa.*

A partir dessas inquietações e com vistas de descrição e análise desses dados, queremos contribuir para uma visão efetiva na construção e ampliação da comunicação com os surdos. Sabendo que a língua de sinais é uma língua legítima não podemos de deixar de considerar os aspectos de variação linguística.

De acordo com Camacho (2005), a variação se constitui o objeto da Sociolinguística correlacionando os aspectos linguísticos e sociais, focalizando os empregos linguísticos concretos, especialmente os de caráter heterogêneo. Nenhuma língua pode ser considerada isenta de variação. Língua e variação convivem inseparavelmente.

Transpondo para a presente investigação, queremos ressaltar que, mesmo que em muitos casos a libras possa estar padronizada, cada grupo tem uma maneira de expressão e isso também influencia nas escolhas dos diferentes empregos dos classificadores.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, observamos que em alguns casos ocorre a falta de compreensão da expressão em libras em decorrência dos usos específicos, como: regionalismos ou coloquialismos. Em alguns contextos, consideramos que essa incompreensão pode gerar lacunas na comunicação, em especial, entre ouvintes e surdos. É nesse aspecto que o estudo sobre variação me chamou a atenção - à necessidade da compreensão maior os usos da língua, contribuindo para a difusão, comunicação e valorização dos usos específicos.

Nesse sentido, acreditamos que descrever e analisar os tipos de transferências em uma comunicação específica de um determinado grupo (surfe) pode contribuir para a valorização das transferências como um recurso indispensável para comunicação em libras.

Para tanto, o objetivo global da presente dissertação de mestrado é descrever quais tipos de transferências são encontrados em um processo comunicativo dos surdos, como objetivos específicos focamos em: 1) Descrever os tipos de transferências em uma situação específica (surf) da

comunicação dos surdos. 2) Identificar como os tipos de transferências se manifestam na comunicação sinalizada que ocorrem sem sinais padronizados e 3) Analisar as produções dos surdos tendo os aspectos de visualidade como centro.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 LINGUÍSTICA E A LÍNGUA DE SINAIS

Atualmente a área dos estudos da comunicação tem ganhado espaço para a produção e divulgação científica, ou seja, não se restringindo unicamente as questões de telecomunicações relacionadas diretamente com o jornalismo. Sabendo que a comunicação é um aspecto da linguagem que envolve diretamente os indivíduos por diversas formas de comunicação (verbal e não verbal).

Sabemos que as inquietações sobre língua e linguagem e os processos que a influenciam não são novas. Vivemos um momento das altas tecnologias e um observar diferente sobre a efetivação da comunicação. Em especial, a valorização demasiada na oralidade e na escrita.

Historicamente, sabemos que a linguagem humana sempre foi motivo de curiosidade e especulações dos seres humanos (ESCARPA, 2005). No entanto, os estudos sistemáticos sobre a natureza da linguagem e quais os princípios que determinam a habilidade dos seres humanos em produzir e compreendê-la vieram com os estudos linguísticos (QUADROS, 2002).

De acordo com Marcuschi (2002) trata-se de um campo de investigação novo, uma vez que a linguística enquanto ciência autônoma teve seu início no século XX com a publicação da obra ‘Curso de Linguística Geral’, do suíço Ferdinand de Saussure. Trata-se de uma obra póstuma que foi organizada por seus alunos. A publicação desse material foi para além da linguística, atingindo a Antropologia, Psicanálise, Psicologia, Filosofia, entre outras. Nesse momento, a linguística tinha como estudo científico a linguagem verbal humana (oral e escrita), mas como toda ciência, desde sua formação, sofreu reformulações teóricas abrindo novos campos de investigação, tais como: Sociolinguística, Psicolinguística, Linguística Cognitiva, entre outras.

Torna-se relevante destacar alguns momentos de concentração dos estudos linguísticos, sendo a fonologia nos anos 30, a morfologia nos anos 40 e início dos anos 50 e a sintaxe e a semântica no final dos anos 50 e 60. Momentos esses em que a concepção de língua se sobrepunha ao conceito de linguagem. Em outras palavras, a língua era o foco de estudo e concebida como um “código ou um sistema de sinais autônomo, transparente, sem história ou fora da realidade dos falantes”

(MARCUSCHI, 2005), ou seja, a língua era analisada e vista ‘em si’ e ‘por si’ mesma.

É a partir dos anos 60 que nos estudos linguísticos a atenção maior recai sobre a linguagem. Isso resultou em uma direção sobre os aspectos de uso e de funcionamento linguístico com implicações que são próprias de produção real das línguas, das atividades discursivas e como os fatores nela estão envolvidos (contexto, falante, ouvinte, referente, entre outros).

Assim, os fenômenos linguísticos passaram a ser vistos como fenômenos sociocultural fundamentalmente heterogêneo e em constante processo de mudança. Essa forma de ver os fenômenos linguísticos ampliou a concepção e definição de língua.

É nesse novo cenário linguístico que os estudos da linguagem e da surdez adentraram nas investigações linguísticas. Em nível mundial, o linguista norte-americano Willian Stokoe publica a descrição linguística sobre a língua de sinais americana, 1960.

As línguas de sinais são uma forma de linguagem verbal, pois se refere a um sistema linguístico autônomo, organizado do ponto de vista lexical (vocabulário), gramatical (regras de funcionamento) e funcional (regras de uso). Apresentam-se em uma modalidade diferente das línguas orais, visto que são línguas espaço-visuais. Elas são expressas com as mãos e com os braços; entendidas através do campo visual e se desenvolvem pela visão e utilização do espaço (QUADROS, 2005; FERREIRA; 2008).

De acordo com a literatura especializada, as línguas de sinais foram reconhecidas enquanto língua pela linguística por possuírem características específicas das línguas orais, ou seja, possuem regras linguísticas e são estruturadas em todos os níveis (lexical, morfológico, semântico e sintático) e por possuírem um sistema independente das línguas orais.

Quadros e Karnopp (2004) salientam que as línguas de sinais são consideradas naturais por terem surgido da necessidade de o homem comunicar-se, refletindo dessa forma a capacidade humana de se comunicar. Assim, elas evoluíram dentro das comunidades surdas, sendo transmitida de geração para geração. Além disso, atendem os traços estruturais que uma língua natural apresenta, sendo: a flexibilidade, a versatilidade, a arbitrariedade, a descontinuidade, a criatividade, a dupla articulação, o padrão de organização dos elementos e dependência estrutural.

Do ponto de vista linguístico, Quadros e Karnopp (2005), baseadas nos estudos de Willian Stokoe (1960/1970), salientam que a primeira grande contribuição para análise linguística do pesquisador norte-

americano foi observar que os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos e complexos, com uma complexa estrutura interior. Buscou descrever a estrutura da língua de sinais americana (ASL). Para isso, analisou de forma detalhada os sinais e pesquisou as partes constitutivas.

A partir dessa descrição e em analogia com a língua oral, apresentou que o sinal apresenta três partes independentes: 1) localização; 2) configuração de mão e 3) movimento e que cada parte possui um número limitado de combinações.

As definições apresentadas pelo linguista serviram de modelo e de instrumento para descrever outras línguas de sinais e considerá-las línguas. A partir desses estudos, outras pesquisas sobre língua de sinais foram surgindo com a mesma perspectiva: estatuto das línguas de sinais definidas como língua, enfocando seu aspecto gramatical, linguístico, cultural, entre outros. A Língua Brasileira de sinais foi uma delas.

No Brasil, em termos linguísticos, os estudos iniciaram na década de 80, quando a professora Lucinda Ferreira Brito descreveu duas línguas de sinais brasileiras (libras e a língua de sinais Urubu-Kaapor). Em seguida, na década de 90, produções acadêmicas (FELIPE, 1998; KARNOPP, 1994; 1999; QUADROS; 1997; 1999; FERREIRA, 2010) contribuíram para a sustentabilidade da libras.

A Língua Brasileira de Sinais (libras) é uma língua de sinais nacional e natural utilizada pela comunidade surda brasileira. Foi reconhecida pela Lei Federal nº. 10.436, de 24 de abril de 2002, mais conhecida como Lei da libras. Essa Lei foi regulamentada por meio do Decreto 5.626/2005 que apresenta um planejamento linguístico, prevendo a educação bilíngue de os surdos (libras como L1 e Língua Portuguesa como L2), a formação de professores de libras, de tradutores e intérpretes de libras e língua portuguesa e de professores de língua portuguesa como segunda língua. Dentre as leis e decretos promulgados na última década esses motivaram a ampliação do campo de atividades referentes aos surdos.

2.2 PADRONIZAÇÃO E VARIAÇÃO

A língua de sinais brasileira (libras) depois de reconhecida e amplamente discutida observamos que, assim como ocorre em outras língua, o desejo por uma padronização dos sinais como utopia para uma comunicação efetiva para os campos investigativos. Pela minha experiência profissional, pessoal e acadêmica, observo que é comum questionamento e discussões acerca de uma padronização da libras.

No entanto, utilizarei as palavras de Alkmim (2005, p. 40), para enfatizar minha preocupação e delimitar meu ponto de vista, assim recorro as palavras o autor: “o que chamamos de variedade padrão é o resultado de uma atitude social ante a língua, que se traduz, de um lado, pela seleção de um dos modos de falar (sinalizar), entre os vários existentes na comunidade e, de outro, pelo estabelecimento de um conjunto de normas que definem o modo ‘correto’ de falar” (sinalizar). Utilizo tal citação por considerar a língua em uso, ou seja, mesmo convivendo com os próprios surdos é comum a correção de um determinado sinal para outro no sentido de superioridade de variação, a qual não corroboro.

Para tanto, de uma forma breve, elencarei as principais teorias e concepções de alguns estudiosos que me chamaram atenção durante o processo de levantamento teórico acerca do fenômeno linguístico. Em especial, por contribuírem para minha formação e compreensão da sua função social de uma língua (oral ou sinalizada).

Dentre os estudiosos dessa área, destacam-se Saussure, Antoine Meillet, Mikhail Bakhtin, Marcel Cohen, Émile Benveniste e Roman Jakobson. Saussure considera a língua um fato social, ou seja, um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social. Para o linguista francês Meillet, a história das línguas é inseparável da história da cultura e da sociedade, pois a linguagem é, eminentemente, um fato social.

Os estudos de Bakhtin (1929/1992) centram-se na comunicação, a partir do ponto de vista de que a língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, realizada por meio da enunciação. O linguista russo Jakobson (1960/2001), também partindo do processo comunicativo, critica o princípio da homogeneidade do código linguístico proposto por Saussure. Para o autor, uma vez que todo indivíduo participa de diferentes comunidades linguísticas, o código linguístico é multiforme.

Marcel Cohen (1929, p.23) destaca que “os fenômenos linguísticos se realizam no contexto variável dos acontecimentos sociais”. Propõe um estudo sociológico da linguagem, ou seja, da relação entre as classes sociais e as variedades de linguagem, abordando temas como variedades rurais e urbanas, estilos de linguagem (formais e informais) e linguagem de grupos segregados (jargão de estudantes e de marginais).

E, finalmente, de acordo com o linguista francês Benveniste (1991, p. 49), é “[...] pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente”, pois é desse modo que o homem constrói sua relação com a natureza e com os outros homens. O autor conclui que a língua pode ser considerada um instrumento de análise social, ou seja, uma forma de

comunicação comum a todos os indivíduos, e responsável pela produção de múltiplas mensagens, enunciadas nas mais diferentes variedades linguísticas.

É na perspectiva de evolução de pensamento sobre a concepção de língua – fruto de uma necessidade social – assim nasceram às línguas de sinais “da necessidade de comunicação” que foco a análise dos dados e destaque a importância dos tipos de transferência no processo comunicativo para uma visão linguística sobre a iconicidade e gestualidade: como elementos indispensáveis para comunicação.

2.3 Língua de sinais brasileira: iconicidade e gestualidade

No Brasil, Lucilda Ferreira Brito inicia a pesquisa sobre a libras na década de 1980. Sua pesquisa inicial se motivou pelo fato de haver, em uma mesma região, diferentes classificadores se referindo a um mesmo objeto. Seu trabalho verificou e catalogou os elementos básicos da formação dos sinais utilizados na libras (os parâmetros), sendo uma referência de pioneirismo na área até hoje.

Entretanto, nestas últimas quatro décadas, a pesquisa sobre os classificadores ainda apresenta muitas lacunas. Muitos pesquisadores tratam dos classificadores como algo acessório ou periférico da gramática da libras.

Assim, o classificador não parece constituir-se como um mero recurso da gramática da Língua de Sinais, mas inserido no uso e no funcionamento dessa língua, fazendo parte das operações que o sujeito realiza com a linguagem (GESUELI, 2009, p. 55).

Pelo fato de humanos terem necessidade de comunicação, o surdo (mesmo quando privado de contato com a cultura surda) desenvolvem um sistema doméstico de gestos que culmina em uma linguagem caseira para poder expressar, mesmo que rudimentarmente, alguma forma de comunicação.

A libras tem uma gama de conhecimentos desenvolvidos e estabelecidos disseminados de diferentes formas por todo o país, recebendo influências regionais pelas diversas áreas do território nacional. Na cultura surda, por não haver tradição de registro (escrita, imagens ou vídeos), os conhecimentos e formas linguísticas são passados de uma geração para a outra, através da interação pessoal. Nessa

transmissão, ocorrem alterações e permanências, em virtude do caráter produtivo da linguagem. Entretanto, na ausência de registro e de transmissão pessoal, podem ocorrer perdas significativas, tanto dos conhecimentos quanto das manifestações linguísticas.

No Brasil, ao analisarmos a história verificamos que houve o uso contínuo da libras em pequenos grupos muitas vezes isolados. Estas comunidades o faziam para sua comunicação e por vezes utilizavam a sinalização de forma discreta devido a fatores sociais adversos – como a proibição da comunicação por sinais por esta não condizer com o entendimento da época sobre a forma eficaz para transmissão de informações.

A teorização de Cuxac (2005) é o resultado de uma minuciosa pesquisa de uma década que contribui significativamente para o estudo da variação em LSF; um dos objetivos deste trabalho é divulgar também esses conceitos no Brasil.

É importante aproximar a discussão desenvolvida na área da gestualidade com a linguística geral, especialmente quando abordamos as línguas de sinais que são um ponto de contato das duas áreas.

A investigação saussuriana focou-se no signo como entidade arbitrariamente definida, o que se mostrou muito produtivo no decorrer da linguística. Entretanto, alguns trabalhos (este inclusive) têm se voltado às características icônicas das línguas, especialmente das línguas de sinais. Stokoe (1960) inicialmente pesquisou os gestos e, após verificar sucessivamente que os gestos mostravam características regulares, constatou que a língua de sinais tinha de fato uma estrutura. Percebemos que uma pesquisa na área da gestualidade pode contribuir para o desenvolvimento da pesquisa linguística, fornecendo inclusive coleta e registro de dados. Por isso, neste trabalho faço a opção por utilizar como base os desenvolvimentos da pesquisa na área da gestualidade.

De fato, a pesquisa linguística deve investigar as línguas naturais nas suas diferentes manifestações. A esse respeito, Leite (2008) aponta que as línguas de sinais têm sido investigadas e diversas semelhanças com as línguas orais têm sido encontradas

Até os estudos de Stokoe (1960), a própria linguística não havia escapado do senso comum no modo como enxergava o meio de comunicação dos surdos. O que hoje chamamos ‘língua de sinais’ era antes tido como uma forma de linguagem universal, icônica e/ou pantomímica, sem o tipo de estruturação que sabemos ser característico das

línguas humanas. Desde os estudos de Stokoe, então, um esforço considerável por parte dos pesquisadores das LSs tem sido feito no sentido de demonstrar que essas línguas, assim como as LOs, compartilham as propriedades básicas das línguas naturais, como a produtividade e a arbitrariedade (LEITE, 2008, p. 40).

Outro argumento favorável a considerar as línguas de sinais como língua natural é que é assim que elas são consideradas pelas comunidades que as utilizam.

No início da linguística moderna, Saussure (1914; 2006, p. 22) estuda a dicotomia arbitrariedade *versus* motivação (iconicidade) com foco na investigação em que o importante é a estrutura, arbitrariedade, e não o dado em si. O famoso exemplo usado pelo autor é o do jogo de xadrez, em que as peças podem ser substituídas por outros objetos sem prejudicar o jogo. O foco é mantido na dicotomia. O autor em sua teoria faz menção ao signo, significado e significante e às diferentes mentalizações. Por exemplo, o signo *mesa* tem seu significado e significante para cada sujeito. Entretanto, o autor não se aprofundou nessa questão, direcionando sua pesquisa para outros aspectos envolvendo a língua. No período o foco era outro, no entanto sua pesquisa apresentou pontos sobre a língua e serve de base para vários trabalhos atuais.

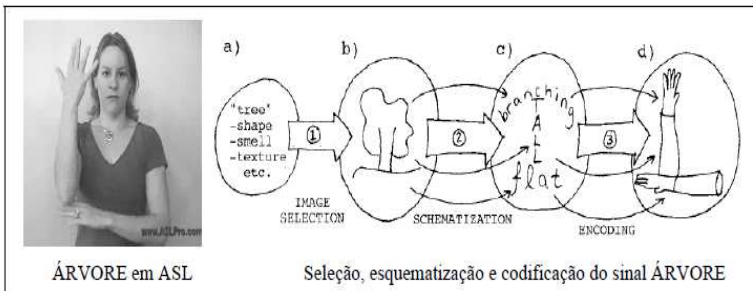
Para Charles Peirce o foco foi a exploração dos três tipos de signos: símbolo, índice e o ícone. O símbolo é uma relação inseparável entre dois elementos (para entrar e sair o símbolo seria a porta); o índice é uma relação de afetação (sintoma é um índice para doença); o ícone é a relação de coisas similares entre o representado e o representante (por exemplo, lixeira do computador para arquivos descartados). Neste último caso há uma relação de dependência entre signo e objeto, uma conexão inseparável, por isso o caráter icônico é dado para vários signos por estes conterem aspectos do objeto representado (ESPSTEIN, 1997).

Nessa discussão, é de suma importância que os gestos sejam considerados, uma vez que sua presença na linguagem é necessária: pesquisas indicam que este é um elemento humano que se desenvolve naturalmente. Não se trata de mera cópia de um objeto, mas da motivação e experiência anterior sendo utilizados na abstração/representação daquela forma. Nas línguas orais, os gestos têm sido considerados essenciais por estudos recentes no campo do icônico e gestual, importância essa que não era percebida pelo forte viés da modalidade

escrita como principal instrumento de análise dos linguistas, conforme Macneill (1992) e Kendon (2004).

Aplicando essa discussão às línguas de sinais, Taub (2001) mostra que a construção de um signo é motivada por fatores diferentes. Segundo ela, toda representação está ligada uma referência anterior, conceitualmente a construção inicia no significado e vai para o significante. A autora propõe o *modelo de construção analógico* para a criação de itens linguísticos icônicos. A autora propõe que a imagem do item referido é abstraída, alguns traços relevantes sendo selecionados e transferidos por analogia para os sinais. O exemplo abaixo mostra como esse processo se aplica na construção do sinal ÁRVORE, em ASL. Os passos desse processo seriam: seleção de imagens, esquematização e codificação.

Figura 2 - Esquematisação e codificação do sinal árvore.



Fonte: Taub (2001 apud LEITE, 2008, p. 36).

Nas descrições, há uma relação necessária pelo fato de a sinalização ser uma repetição ampliada do ocorrido. Uma descrição linguística (científica) deve capturar isso da maneira mais fiel possível. Em alguns momentos da história das línguas de sinais, houve quem as classificasse, equivocadamente, como mímica ou gestos universais.

Isso aconteceu pelo entendimento majoritário que a audição o principal meio de estímulo para o desenvolvimento da inteligência humana (Lane, 1989 apud Lukkin, 2000, p. 49). No entanto, nas ocorrências de zoom, fica evidente que é um recurso para expressão clara, considerando-se a liberdade e fidelidade da expressão, a elasticidade da variação do tamanho da imagem sendo descrita, o ambiente, o produto da experiência vivenciada. Trata-se do resultado da percepção e experiência visual sendo incorporadas no corpo do sujeito descritor

Para Wilcox (2004), os gestos atualmente são usados de maneira diferente do seu uso primitivo. O exemplo apresentado é o sinal PODER, que na sua forma gestual primitiva significava a superioridade de um sujeito sobre outro, mas que hoje, tendo passado por abstração, pode ser usado para um pedido de ajuda.

Neste ponto surge a necessidade da elaboração de signos linguísticos mais elaborados. O fato concreto ou abstrato registrado a ser informado de forma visual necessita de uma construção mental, não sendo somente uma reprodução direta da observação. Desta forma se desenvolve elaboração perceptiva e a consequente reflexão do ocorrido. Esta ideia tem sido defendida, entre outros, por autores como Campello (2008), Taub (2001) e Leite (2008).

Assim, a mente percebe um fato concreto e interpreta-o; para expressá-lo, utiliza os classificadores, combinando movimentos e localização para expressar as nuances de significado. Essa codificação é feita somando a experiência linguística adquirida anteriormente e, para maior clareza, a informação poderá ser minimizada ou não através do uso de expressões facio-corporais anexadas aos sinais. Resumidamente, os classificadores estão compostos de sinais e expressões em seu conteúdo.

Ao se falar sobre iconicidade, o foco importante é o estudo e a coleta de dados. Os estudos sobre iconicidade já tem seu valor reconhecido no Brasil pelo fato de que na libras o uso de sinais icônicos ajuda na clareza da mensagem. Segundo Strobel e Fernandes (1998, p. 5), na língua libras a maioria dos sinais são arbitrários, mas isso significa que não haja um compromisso de semelhança com a referência de origem. Isso esclarece que falar em sinais não significa desenhar algo no ar.

SINAIS ICÔNICOS - Uma foto é icônica porque reproduz a imagem do referente, isto é, a pessoa ou coisa fotografada. Assim também são alguns sinais da LIBRAS, gestos que fazem alusão à imagem do seu significado. [...] Isso não significa que os sinais icônicos são iguais em todas as línguas. Cada sociedade capta facetas diferentes do mesmo referente, representadas através de seus próprios sinais, convencionalmente [...].

SINAIS ARBITRÁRIOS - São aqueles que não mantêm nenhuma semelhança com o dado da realidade que representam. Uma das propriedades básicas de uma língua é a arbitrariedade existente entre significante e referente. Durante muito tempo afirmou-se que as línguas de sinais não eram

línguas por serem icônicas, não representando, portanto, conceitos abstratos. Isto não é verdade, pois em língua de sinais tais conceitos também podem ser representados, em toda sua complexidade (STROBEL e FERNANDES, 1998, p. 07).

2.4 DESCRIÇÃO IMAGÉTICA³

Como já referenciado, as línguas de sinais sempre foram vistas como uma língua menosprezada socialmente, grande parte, por apresentarem um alto grau de iconicidade. Tal característica foi reforçada pelos estudos linguísticos tradicionais, como conhecimentos secundários e sem importância para descrições das línguas.

Atualmente, observamos que os estudos das línguas de sinais vêm ganhando espaço como nunca alcançados. Isso se deve, em grande parte, ao crescimento que os estudos da comunicação visual vêm ocupando.

É nesse cenário de discussão e inquietação que a linguista Ana Regina e Souza Campelo fundamenta sua tese de doutoramento ‘Aspectos da visualidade na educação de surdos’ mostrando a importância dos aspectos da visualidade como uma proposta eficaz no contexto da esfera interdisciplinar da educação ⁴ de sujeitos Surdos. Para melhor compreensão do que se entende por aspectos da visualidade, recorreremos as palavras da autora

Os aspectos da visualidade, nada mais são que uma característica peculiar elaborada e voltada para a comunidade Surda, baseada com os próprios entendimentos e experiências visuais. Também tem uma forma estratégica cultural e linguística de como transmitir a própria representação do objeto, de imagem e de língua cuja natureza e aspecto são precisamente de aparato visual; e dos significados (ou valores) pelos quais são e produzidos o resultado visual (CAMPELLO, 2008, p. 27).

³ Conceito criado pela linguista Ana Regina e Souza Campelo e apresentado em sua tese de doutoramento.

⁴ Cabe destacar, que o tema da presente dissertação não aborda questões relacionadas a educação de surdos, no entanto, os conceitos apresentados pela investigadora, em especial, o de descrição imagética e Tipos de referência são a base teórica de análise da presente dissertação.

Na perspectiva teórica adotada pela linguista, os estudos da comunicação visual torna-se importante destacar dois conceitos em destaque: o da visualidade e o da visibilidade. De acordo com Campello (2008, p. 21), “[...] a visualidade é a relação entre a percepção e a imagem que é modalizada pelas qualidades do signo visual”. Já a visibilidade não tem uma relação direta com a imagem, a saber, ela se constrói a partir dela. Dessa forma, a imagem se constrói por meio da iconicidade do signo visual e assim são construídas relações prováveis através de descrições imagéticas que permitem o surgimento (ou construções) de signos mais elaborados. Nessa abordagem, a descrição imagética se constrói e se desenvolve por uma espacialidade entre a elaboração perceptiva e a elaboração reflexiva e as incorporações (transferências). Que são denominadas como relações descritivas imagéticas, em sínteses interpretativas (CAMPELLO, 2008).

É nessa concepção de incorporações (transferências), teorizada pelo estudioso francês Christian Cuxac, que foi tomado como base nas pesquisas de Campello (2008) que o estudo aqui em questão se pauta.

De acordo com a literatura especializada (CUXAC, 2008; CAMPELLO, 2008), transferência se refere às operações cognitivas que “[...] permitem transferir, anamorfando-as ligeiramente, experiências reais ou imaginárias no universo discursivo tridimensional chamado espaço de sinalização” (CUXAC, 2008 *apud* CAMPELLO, 2008, p. 164).

Esses conceitos foram selecionados para minha pesquisa porque são conceitos naturais das línguas de sinais, inclusive da libras, minha língua. Além disso, mostra-se capaz de expressar o dado observado por mim. Essa capacidade é essencial para a comunicação, visto que essa é uma relação que se estabelece entre dois indivíduos que se alternam em turnos de produção e recepção linguística. A expressão de um dado observado é diretamente influenciada pelo ambiente em que os falantes estão envolvidos. A comunicação é dinâmica, de forma que sempre se reinventa, recria, não perde qualidade.

Para Campello (2008), as construções icônicas apresentam funções gerais (dando referência espacial, por exemplo) ou específica (construindo referências visuais em narrativas de diversos tipos). Assim, as construções icônicas têm um potencial expressivo muito diversificado e não-imediato, isto é, não são reproduções simples de objetos do mundo.

Tudo aquilo que é visualmente perceptível pode ser reconstruído linguisticamente em uma descrição imagética e transmitido em uma troca conversacional. Segundo a autora, essa apreensão visual é também conceitual

Portanto, a mediação semiótica é muito importante para entendermos o singular até na complexidade ao mesmo tempo. Com o mundo visual, cujo símbolo está sempre em qualquer lugar, em todos os instantes, no abrir dos olhos de manhã até o fechar dos olhos ao dormir, cada imagem vai delineando, construindo até firmar a representatividade do seu mundo sem ‘som’ (CAMPELLO, 2008, p. 163).

Nesse sentido, pode-se pensar no papel de enriquecimento conceitual que a interação por descrições imagéticas traz para uma comunidade. As descrições imagéticas são construídas a respeito de contextos específicos, que não são vivenciados por toda a comunidade surda. Assim, quando são levados à comunidade surda maior, há uma difusão de novos sinais e de conhecimento na comunidade, o que a complexifica e enriquece.

Dessa maneira, uma noção importante é a hipótese de bifurcação apresentada por Cuxac (2005). De acordo com o estudioso, historicamente, o surgimento dos sinais da LSF (século XVII), em um primeiro momento, com um caráter altamente icônicos e posteriormente foram acrescidos ao léxico a partir do uso, como mostram os dicionários ilustrados do período.

Quando a LSF foi trazida ao Brasil (segunda metade do século XIX) e difundida através do ensino, originando a libras, essa característica icônica ainda é bastante presente, como atestam os materiais didáticos da época. Após esse início altamente icônico, as línguas de sinais passam por mudanças explicáveis pelo processo de descrição imagética.

A esse fenômeno de mudança, o linguista salienta que o que aconteceu foi um processo de bifurcação, em outras palavras, uma bifurcação entre os signos estabilizados da língua de sinais francesa com a perspectiva icônica utilizada pela comunidade surda brasileira.

Seguindo essa linha de pensamento, Campello (2008) nos mostra que uma mudança de um sinal icônico acontece devido ao processo de percepção visual, interpretação cognitiva e expressão em sinais presente em cada ato comunicativo em língua de sinais.

É devido às diferentes experiências visuais dos falantes da língua que ocorre a mudança. De fato, as línguas (orais e sinalizadas) não são estáticas, fixas, mas sofrem mudanças ao longo do tempo devido à interação comunicativa entre os falantes. Como podemos exemplificar com o sinal PAVÃO.

De acordo com os estudos diacrônicos, podemos observar que no sinal PAVÃO, embora tenha apresentado mudanças, o grau de iconicidade se mantém. Foi apenas reduzido como ilustrado a seguir:

Figura 3 - Mudança de Sinal.

| GLOSA | ICON. | OATES | INES |
|--------|---|---|---|
| Est. 8 |  |  | |
| PAVÃO |  |  |  |
| | PAVÃO | PAVÃO | PAVÃO |

Fonte: Diniz (2010, p. 90).

Primeiramente, a forma de sinal PAVÃO era produzida fora do alcance dos braços e no espaço da sinalização, baixando a acuidade visual. Este sinal foi transformado e produzido com a articulação dos braços fechados dentro da acuidade visual e da linha simétrica bilateral. Observemos que, embora tenha ocorrido mudanças no sinal, a alteração se mantém dentro dos padrões linguísticos da língua de sinais, no caso, da libras.

Nesse sentido que Campello (2008) chama a atenção para as descrições imagéticas, visto que apesar de serem recursos para a criatividade linguística, se estruturam a partir da estrutura da língua - dos parâmetros. As descrições imagéticas são sistemáticas, por isso, não fogem às regras da língua. É fundamentada nesse processo que Campello (2008) fundamentada em Cuxac (2005) assevera que a transferência é um processo cognitivo que é sempre inovador, já que cada indivíduo desenvolve isso de uma maneira dentro de uma estrutura linguística. Entretanto, por mais que essas manifestações linguísticas sigam um

determinado padrão as transferências produzidas pelos surdos poderão ser semelhantes, porém nunca idênticas.

As transferências se tratam do espaço da realização das mensagens, por este motivo, fazem parte da estrutura da iconicidade. Essa estrutura apresentam duas atividades diferentes: 1) A chamada específica, na qual os sinais estão mais presentes dentro das narrações com o intuito de construir as referências visuais, tais como: narrativas de vida, narrativas romanescas, narrativas de filmes, contos, entre outras de caráter narrativo e 2) a geral, nela os sinais estão mais presentes nos espaços para dar referência espacial, tais como: localização e deslocamento dos objetos visuais em relação a marcadores fixos, relações inteiras, descrições de lugares, entre outros (CUXAC, 2005; CAMPELLO, 2008)⁵.

Seguindo essa linha de pensamento, torna-se importante ir além das estruturas da iconicidade (específica e geral) para a compreensão de sua atividade de estrutura icônica. Como a língua de sinais aqui em questão é a libras, recorro à descrição realizada por Campello (2008), uma vez que tem como descrição a libras. De acordo com a linguista, antes mesmo das experiências visuais, das experiências reais ou das experiências imaginárias serem incorporadas no universo de discurso bidimensional, tridimensional ou quadridimensional, as estas estruturas icônicas se representam em conformidade com sua dimensão ou formas podendo ser parcial ou global, de lugares, de objetos, ou mesmo de personagens.

Nesse sentido, os gestos e os signos visuais são compostos sem categorizar uns aos outros, já que, como salientado por Cuxac (2005), todas as estruturas se bifurcam umas nas outras. Na visão de Campello (2008), isso acontece em função de os signos visuais que apresentou em

⁵ Para fundamentação teórica recorri aos escritos primário do estudioso Cuxac (2005) e em conjunto interpretativo recorri a tese de doutoramento de Campello (2008) para assegurar a tradução e compreensão dos conceitos apresentados, visto que a fonte primária está escrita na língua francesa e minha tradução foi de leitura. Em outras palavras, de tradução livre.

“Les structures de grande iconicité sont essentiellement attestées lors d’activités discursives ciblées : – en premier lieu, dans le cadre de constructions de références actancielles spécifiques. De ce fait, elles sont massivement présentes dans l’ensemble des conduites de récit : récits de vie, récits romanesques, récits de films, contes, histoires drôles, etc.; – en second lieu, dans le cadre de constructions de références spatiales spécifiques (localisation et déplacement d’actants par rapport à des repères fixes, relations tout-partie, descriptions de lieux, etc.)” (CUXAC, 2005, p.5).

seu doutoramento servirem para figurar estas dimensões ou estas formas no espaço de sinalização, sendo eles:

1) de uma configuração da mão (ou mãos) que indica uma forma básica, como ex: Configuração de Mão - CM 60 em uma mão, assim. Este pode não dar um significado, mas em outros signos imagéticos, pode dar um significado dependendo do contexto cultural, assim, como: arranhar com os dedos, ou na ação de pegar algum signo. Se tiver um signo imagético isolado não tem significado visual.

A configuração de mão não se constrói sozinha. Precisa de um recurso que possa adicionar a expressão como ponto de partida para descrever a imagem: olhar do narrador do sujeito Surdo. E depois, dependendo do movimento, o “olhar” se desdobra seguindo com o movimento de uma ou das duas mãos. Este movimento já especifica, do início ao final, descreve e esta descrição dá o valor da forma ou de movimento que andam juntos.

O papel do olhar e dos movimentos dos lábios, da expressão facial são muitos importantes: neles se mostra o ‘termômetro’ em cada medida dos sinais ou dos gestos, para dar sentido ou dar o valor de tamanho ou de forma. As representações, associando com as expressões faciais do narrador ou sujeito Surdo completa e acaba qualificando o signo visual em sinal.

2) de um movimento e uma orientação da mão (ou das duas mãos) que significa o desdobramento desta forma no espaço, como mostra o exemplo: Quando se juntam as duas mãos e em movimento no espaço-visual pode dar um significado visual e este signo imagético se transforma em um sinal visual, como por exemplo: bola [...].

O movimento das mãos que impulsiona o movimento e ou desdobramento do mesmo, dando sentido espacial, não temporal - da forma no espaço (diminuindo-se, aumentando-se, estrangulando-se, terminando-se em ponto, sinuoso, plano, circular, vertical, horizontal e posicionamento desta dimensão, etc. Que pode ser discreta ou aberta.

3) de um lugar (ou locação) que pode ser:

a) um lugar do corpo do locutor,

- b) o espaço neutro situado na frente dele,
- c) um sinal do léxico padrão previamente emitido,
- d) a mão dominante que figura uma forma básica a partir da qual a forma descrita pela mão passiva estende-se (e este é o caso mais frequente), como mostra o exemplo: AVIÃO POUSANDO NA PISTA DO AEROPORTO.

Na Locação, o significado do sinal visual se situa sempre em uma posição visual, que é em frente do tórax ou da posição corporal para marcar o espaço onde é inserido (CAMPELLO, 2008, p. 164-166).

Compreendido que a transferência, na perspectiva icônica – aqui adotada – refere-se às operações cognitivas que permitem o sujeito transferir suas experiências no espaço de sinalização (CUXAC, 2005) passemos para os tipos de transferências elencados por Campello (2008), a partir dos tipos de transferências criados por CUXAC (2005). Cabe ressaltar que a linguista brasileira apresenta cinco tipos de transferência, sendo que o linguista francês apresenta quatro: 1) *Transfers of size and/or form* (TF); 2) *TransferS of situation* (TS); 3) *transfers of person* (TP) e 4) *Combination of transfers*. Isso quer dizer que Campello (2008) cria, vai além dos tipos de transferências descritos na língua de sinais francesa tendo como princípio a língua de sinais brasileira, sendo elas: 1) Transferência de Tamanho e de Forma – TTF; 2) Transferência Espacial – TE; 3) Transferência de Localização – TL; 4) Transferência de Movimento – TM e; 5) Transferência de Incorporação – TI.

Passemos agora para as definições e compreensão do que venha a ser cada uma.

2.4.1 Tipos de Transferência

2.4.1.1 Transferência de tamanho e/ou de forma (TF)

A transferência de tamanho e/ou de forma é considerada para representar um signo visual em sinais e se organiza com a descrição imagética para representá-la. Campello (2008) exemplifica esse tipo de transferência com o signo visual *URSO GRANDE*. Para que o signo visual seja representado em sinais utiliza-se a forma do corpo, do tamanho do urso e a descrição corporal fica responsável, neste caso, pela descrição da grandeza do urso.

É dessa forma que a transferência da percepção visual de tamanho pode ser representada. Isso quer dizer que, os detalhes são transferidos mentalmente para o signo visual e conseqüentemente, esses detalhes são repassados para a imagem visual que acaba transmitindo o tamanho por meio de sinais. A linguista nos chama a atenção para observarmos quando a forma são as cores, pois na língua de sinais brasileira – nas línguas de sinais de uma forma geral – as cores por se tratarem de conceitos abstratos que são referenciados, em sua maioria, a partir de um referente.

Para isso, nos ilustra com a cor amarela, com a cor preta e com a cor branca, a transferência icônica metafórica, mesmo não se tratando de uma transferência de forma, vale aprofundar para compreensão do conceito de transferência. Nas palavras da linguista

Sabemos que a cor amarela, semanticamente e diferentemente da cor amarela como objeto de pintura, e se corresponde a forma que se assemelha com a cor do sol para demonstrar a visualidade mais chocante. A cor é um signo abstrato, mas sinalizamos a cor amarela junto com a metáfora ou com expressões chamativas que possam denominar a cor, como ouro, pessoa doente (de malária), as cores das flores (margaridas ou girassóis). Culturalmente, a cor preta associa-se com a cor da morte, do terror, da infelicidade, do prenúncio de dias ruins, etc. A cor branca denuncia a inocência, a brancura da neve, a pureza, etc. Todos os signos que sinalizamos denotam a expressividade da suavidade ou de grotesco dependendo da manifestação das cores (CAMPELLO, 2008, p. 168).

2.4.1.2 Transferência Espacial (TE)

No que diz respeito a transferência Espacial, a pesquisadora assinala que o que influencia o espaço é a localização, a profundidade espacial (tanto para baixo ou para cima), o tamanho (no sentido da intensidade), o isolamento ou grupal, a diferença de status e interesse intrínseco. Isso quer dizer que, os signos visuais se designam como apresenta as figuras e/ou aquilo que se reflete na imagem o que se vê. Para argumentação dessa explicação, utiliza os signos visuais do “espaço do sistema solar”. Assim, temos que admitir que é uma das características da

profundidade espacial os vários signos que se movimentam ao redor do sol. Por exemplo,

um cometa que movimenta dentro para fora e simula a sua velocidade constante. A velocidade pode ser traduzida pelo movimento dos lábios em letra “u” com sopro do ar para fora. Este movimento é necessário para simular o som. O mundo do som é impenetrável para a comunidade Surda, mas o barulho e a força da impulsão são percebidos por vibração imaginária e esta passa a impressão para o movimento dos lábios e das bochechas simulando o barulho do som. O movimento dos planetas no sistema solar também pode ser observado em signo tridimensional, como o queijo derretido nas bordas dos pães. Esta representação pode ser configurada como uma das atividades geral da estrutura icônica (CAMPELO, 2008, p. 166).

2.4.1.3 Transferência de Localização (TL)

Diferentemente dos demais tipos de transferências elencados aqui, a transferência de localização tem uma característica diferente, visto que o que a influencia é a gravidade. Isto é, no sentido da direção que ela pode exercer, tal como: direção que vai para frente, direção que vai para trás, para o lado direito, para o lado esquerdo, da alternância, o puxar, o soltar, dentre outros.

Vale ressaltar que os signos visuais se designam como apresenta estas figuras e tudo o que se reflete na imagem, o que se vê. Para ilustrar, a estudiosa exemplifica como a visualização possível, sendo: todo o objeto que cai; ou todo objeto que está no fundo do mar; ou todo o objeto que está subindo; ou todo o objeto está lá em cima; ou todo o objeto está em outros lados. Além disso, temos a relação do peso visual também se manifesta em direções como: os movimentos para baixo ou para cima ou de outras direções como em dois lados.

No que diz respeito a direção, cabe destacara que vários fatores determinam as percepções visuais funcionando como um sistema de compensação. Este sistema de compensação tem características que dependem, por sua vez, da propriedade da transferência daquilo que se

vê, entre eles a atração exercida pela alternância do movimento dos objetos em linhas curvilíneas (CAMPELLO, 2008, p. 172).

Segundo a linguista, outras características também dependem da localização do ponto de aplicação, sua intensidade, movimento direcional e direção. Na localização do ponto de aplicação observa-se que se relaciona mais com a direção do ponto ao qual o signo está direcionado (para cima; para baixo; de grande velocidade ou de pequena velocidade). Neste caso, podemos compreender, que a intensidade se relaciona com a atração pela força da atração exercida pelo signo ou pelo observador. Já que a direção visual também é uma característica indispensável nesse aspecto. Nela, identificamos e acompanhamos a direcionalidade para com o signo.

De acordo com Campello (2008, p. 175), “os olhos do observador se manifestam diante da situação ou do acontecimento ou da percepção visual que norteia em sua volta”. Por isso, a direção visual é considerada uma das características mais importantes para direcionalidade para com o signo nas línguas de sinais.

2.4.1.4 Transferência de Movimento (TM)

A transferência de movimento serve para conseguir o equilíbrio visual e se pode utilizar em diferentes formas. Já nos aspectos característicos de Alto e de Baixo evidenciaremos uma desigualdade de signos, uma vez que para isso eles precisam estar em oposição, em dualidade ou em diferença que se realize sua compreensão nos seus contextos visuais.

2.4.1.5 Transferência de Incorporação (TI)

A estrutura de transferência de incorporação é considerada a mais completa. Considerando que a língua de sinais se significa pela incorporação de objetos, nessa estrutura observamos a reprodução de várias ações ou imagens, a saber, tudo o que o narrador demonstrou: os objetos e/ou as cenas no corpo do próprio narrador.

Na contação, verificamos que o narrador passa a mostrar as ações efetuadas ou sofridas no processo do enunciado humano, animal ou de objeto podendo ou não se pode ser um não-animado. Observamos que o narrador se transforma em um objeto para caracterizar o sentimento ou se apresenta fisicamente.

Torna-se importante destacar que as estruturas quando incorporadas somem com o assunto da enunciação e do narrador. Isso quer dizer que,

quando for narrar o trajeto de cada detalhe, o narrador desempenhar o seu papel como narrador. Dessa maneira, os olhos passam a enunciar o que o desenho quer mostrar, por exemplo. Estes elementos não são suficientes para distinguir os elementos linguísticos, uma vez que apresenta uma complexidade do tema conhecido. Aos poucos, os aspectos linguísticos vão aparecendo. No caso das expressões faciais ou corporais sabemos que elas são capazes de mostrarem o estado do espírito do narrador transferido, tanto como na relação que se estabelece entre o narrador e o plano da ação que está realizando (CAMPELLO, 2008).

A estudiosa nos revela que na descrição visual, a visão como exploração ativa requer um mínimo de indício para a perceptiva visual. “A prática cotidiana do ‘ver’ com os próprios olhos, por meio de orientação visual, é ver os signos que estão presentes em lugar certo e que estão fazendo uma determinada coisa” (CAMPELLO, 2008, p. 179).

De acordo com a perspectiva adotada, a descrição visual apresenta seis⁶ características para análise: a) A visão como exploração ativa; b) Captação do essencial; c) Simplicidade; d) Nivelamento e aguçamento; e) Os olhos que vêm da verdade e f) Desenvolvimento Visual.

Passemos agora para a transposição dos tipos de transferências estudadas para a exemplificação dos tipos de transferências adaptados e utilizados na análise dos dados. Para tanto, realizei a incorporação dos sinais mais recorrentes do tema investigado e os apliquei nos tipos de transferência para posteriormente analisar de acordo com as produções dos sinais solicitados aos informantes da pesquisa (vide capítulo 3).

⁶ Para maiores informações e conceituação de cada categoria recomendo a leitura da tese de doutoramento Capello (2008). Quando necessárias, utilizarei as definições no capítulo de análise dos dados da presente dissertação.

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta investigação, optou-se por uma metodologia de campo com abordagem qualitativa dos dados, considerando as obras consultadas e as características do tema a ser pesquisado.

Nesta seção abordarei alguns dados importantes sobre a coleta de dados de uma língua sinalizada.

A presente pesquisa visa analisar as produções dos participantes surdos com foco nos tipos de transferências.

3.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo deste trabalho é contribuir para esclarecer que os tipos de transferências funcionam como um termo classificar na descrição imagética das línguas de sinais e são indispensáveis para comunicação.

3.1.1 Objetivos específicos

- 1) Descrever os tipos de transferências em uma situação específica (surf) da comunicação dos surdos.
- 2) Identificar como os tipos de transferências se manifestam na comunicação sinalizada que ocorrem sem sinais padronizados.
- 3) Analisar as produções dos surdos tendo os aspectos de visualidade como centro.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Para atender os objetivos do estudo, foram escolhidos dois⁷ participantes surdos, fluentes em libras e com experiência na prática do surfe, sendo um da cidade de Torres (RS) e outro de Florianópolis (SC). A escolha se deu pelo aceite em participar da pesquisa.

Entendemos que a diferença geográfica seria interessante, permitindo verificar se há uso de estratégias distintas, regionais, e quais

⁷ Aos sujeitos investigados solicitou-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Tal procedimento visou o cumprimento às normas editadas pelo Conselho Nacional de Saúde que regulamentam as pesquisas que envolvem seres humanos. O primeiro sujeito foi identificado como participante R e o segundo como participante S. Marcas fictícias para manter a identidade de os investigados.

são as estratégias comuns. Na ocasião da coleta de dados, foi realizada também uma entrevista, visando mapear informações sobre a trajetória linguística e de vivência do esporte, que poderiam ser relevantes na análise dos dados (idade de contato com a libras, anos de prática do esporte, contato com surdos e ouvintes surfistas).

O participante R., gaúcho, utiliza a libras e pratica o surfe desde a infância (teve contato com a língua na escola – 7 ou 8 anos de idade). Possui ensino médio completo. Relata não ter dificuldade de comunicação com os ouvintes da comunidade surfista, utilizando-se principalmente de gestos e ocasionalmente de oralidade. Utiliza apoio de tradutor-intérprete somente em situações pontuais, como campeonatos. Relata também que não conhecia surdos surfistas quando começou o esporte, mas formou-se uma comunidade surfista surda após contatos pela internet, que conta inclusive com campeonatos e outros encontros presenciais frequentes. Sobre sinais específicos do surfe, afirma:

Pesquisador: E vocês criaram sinais sobre o surfe?

R.: (hesita) Não tem sinais, por exemplo, P-R-A-N-C-H-A prancha (CL), mas não tem um sinal. É libras natural. Vamos criando na conversa."

O participante S., catarinense, também utiliza a língua desde o início do ensino fundamental (6 ou 7 anos). Entre os ouvintes surfistas, tem mais facilidade de se comunicar com aqueles que lhe são vizinhos. Possui nível superior completo, cursando pós-graduação.

3.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

3.3.1 Coleta de dados

O experimento consiste em apresentar aos participantes vídeos que mostram surfistas praticando o esporte e verificar como cada participante descreve o acontecimento do vídeo, uma vez que segundo a literatura especializada (CUXAC, 2005; CAMPELLO, 2008), qualquer dado observável pode ser descrito iconicamente em línguas de sinais.

Com isso, pretendi verificar quais são as possibilidades de expressão de observações distintas sobre o mesmo ocorrido. A hipótese foi de encontrar diferentes expressões, visto que cada participante captaria visualmente os vídeos de maneira particular, mas todas obedecendo às regras de boa-formação estrutural-morfológica da libras.

Para tanto, foram selecionados três vídeos do mesmo tipo (mesma duração aproximada, mesmo tipo de ambiente), mas que mostravam eventos muito diferentes de surfar. Os eventos variavam em magnitude da onda e na postura e movimentação do surfista.

3.3.2 Vídeo 1

A ideia aqui pretendida foi mostrar uma onda que se fecha sobre o surfista, formando um tubo nítido. O surfista segue por dentro da onda e realiza um salto direcionando-se à praia.

Figura 4 - *Imagem do primeiro vídeo.*



Fonte: www.youtube.com

3.3.3 Vídeo 2

A proposta da escolha desse vídeo foi apresentar uma sequência de ondas com mais movimentos e mais velocidade. A onda se fecha bem próxima ao corpo do surfista, que realiza diversos movimentos na própria onda, em paralelo à praia.

Figura 5 - Imagem do segundo vídeo.



Fonte: www.youtube.com

3.3.4 Vídeo 3

O conteúdo aqui pretendido foi iniciar com um surfista sendo levado até uma onda por um jet ski. Então, vê-se uma onda muito grande na qual o surfista passa e finalmente a espuma de onda toma a imagem toda, sendo impossível ver o atleta.

Figura 6 - Imagem do terceiro vídeo.



Fonte: www.youtube.com

Os vídeos foram exibidos aos participantes, que narram o que observaram, repetindo-se esse processo para o segundo e terceiro vídeos. O material foi descrito utilizando o software ELAN⁸, uma vez que permite uma identificação minuciosa das produções em libras.

3.4 CORPUS

As ocorrências selecionadas para compor o corpus deste trabalho são aquelas que exibem a narração dos informantes da investigação. A partir delas, viso descrever as produções a partir dos cinco tipos de transferência elencados por Campello (2008), sendo: 1) Transferência de Tamanho e de Forma – TTF; 2) Transferência Espacial – TE; 3) Transferência de Localização – TL; 4) Transferência de Movimento – TM e; 5) Transferência de Incorporação – TI.

Nessas produções, pretende-se verificar como ocorrem as configurações de mãos e a expressão facial, a aproximação e distanciamento da imagem para descrever a onda do mar e o caminho do surfista nela, entre outros aspectos pressupostos a partir do tema. Após essa descrição, a categorização será realizada em comparação dos dados, ou seja, verificar na produção dos informantes quais são as estratégias convergentes e divergentes.

⁸ O software ELAN (EUDICO linguística Annotator) trata-se de uma ferramenta de anotação que permite criar, editar, visualizar e pesquisar anotações para vídeo e dados de áudio. Historicamente, foi desenvolvido no Instituto Max Planck de Psicolinguística, Nijmegen, Holanda, com o objetivo de proporcionar uma base tecnológica sólida para a anotação e exploração das gravações multimídia. ELAN é projetado especificamente para a análise de línguas, as línguas de sinais, e gestos, mas também pode ser usado por qualquer um que trabalha com corpora meios de comunicação, ou seja, com vídeo e / ou dados de áudio, para fins de anotação, análise e documentação.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo é apresentada a descrição e a análise dos dados captados na pesquisa. No primeiro momento, descrevo os tipos de transferências dentro do tema investigado (tipos de ondas e surfe) seguindo a teoria proposta por Campello (2008). Na sequência da apresentação e análise, descrevo e comparo a forma como os os participantes investigados fizeram as descrições dos vídeos selecionados.

Para tal comparação, realize uma qualitativa, visando identificar semelhanças e oposições na produção dos dois participantes e categorizando suas produções nos cinco tipos de transferências, sendo: 1) Transferência de Tamanho e de Forma – TTF; 2) Transferência Espacial – TE; 3) Transferência de Localização – TL; 4) Transferência de Movimento – TM e; 5) Transferência de Incorporação – TI.

4.1 TIPOS DE TRANSFERÊNCIAS: DA ICONICIDADE A COMPREENSÃO

A partir da pesquisa de Cuxac (2005) e, em especial, a de Campello (2008), apresento as cinco formas de transferência que identifiquei com os sinais dos temas que envolvem a pesquisa (onda, surfe, entre outros).

4.1.1 Transferência de Tamanho e de Forma (TTF): expressão icônica da percepção de forma e tamanho físicos do referente.

Figura 7 - Onda Grande.



Fonte: elaborada pelo autor.

4.1.2 Transferência Espacial (TE): expressão da percepção de localização, profundidade espacial, isolamento ou agrupamento do referente.

Figura 8 - O Surfista de Onda.



Fonte: elaborada pelo autor.

4.1.3 Transferência de Localização (TL): expressão da percepção de gravidade, direção, alternância.

Figura 9 - O Surfista de Onda Grande.



Fonte: elaborada pelo autor.

4.1.4 Transferência de Movimento (TM): expressão da percepção da maneira de movimento do referente.

Figura 10 - O Surfista de Onda de Meio.



Fonte: elaborada pelo autor.

4.1.5 Transferência de Incorporação (TI): incorporação dos diferentes elementos referidos na narrativa (humano, animal ou ser não-animado).

Figura 11 - O Surfista por dentro da Onda.



Fonte: elaborada pelo autor.

A partir dos cinco tipos de transferências passo agora para a descrição e análise das produções dos dois participantes investigados.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS

4.2.1 Transferência de Tamanho e de forma – TTF

A função que a transferência de tamanho e de forma, como já referido na fundamentação teórica, trata-se de uma especialidade da estrutura icônica que tem por propósito representar um signo visual referido e descrever imageticamente sua maneira de representar (CAMPELLO, 2008).

A partir das narrações solicitadas pelos dois informantes principalmente no que tange a descrição das ondas, os dados revelaram que a configuração de mão e a expressão fácio-corporal forma manifestadas de diferentes formas em cada vídeo apresentado, no entanto observamos que mesmo apresentado diferenças as escolhas de forma e de tamanho foram muito similares. Como mostram os exemplos a seguir:

Imagem 1 - Representação sinalizada do primeiro vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

Imagem 2 - Representação sinalizada do terceiro vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

Imagem 3 - Representação sinalizada do segundo vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

De acordo com as imagens selecionadas, podemos observar que tanto a forma como o tamanho da representação signica de onda fora transferida para uma das mãos (TFT). No primeiro vídeo, a onda que ‘fecha’ o surfista, representando uma onda grande que o encobre por meio de o tubo de água (da própria onda). O mesmo processo ocorreu no segundo vídeo, ao qual a temática foi a sequência de ondas com mais movimentos e mais velocidade do que a representada no primeiro vídeo.

De uma forma bastante próxima a descrição imagética do fenômeno teve uma das mãos como forma de transferência de tamanho (TFT). Uma mão sobre a outra, a dominante (representa a onda) fazendo o movimento de encobrir o surfista. A mão que representava a onda se manteve iniciada semi-fechada e fora se fechando com o objetivo de narrar o encobrimento pelo tamanho da onda ao surfista. No último vídeo, ao qual a imagem pretendida foi do ‘sumisso’ do surfista pelo tamanho da onda se deu de forma similar, em outras palavras, uma mão foi utilizada para representar a onda, nesse caso “imensa”, a onda mão ficou bem aberta e alta para representar o encobrimento total do surfista.

Com a outra mão, a representação de transferência por tamanho foi dada ao surfista. Na primeira, percebemos que o surfista se mantém na narração – é possível ser visto após a onda passar, na segunda, a o surfista é encoberto pela onda, mas se mantém na imagem adquirindo um tamanho similar a da representação do primeiro vídeo. Mas, é na terceira representação de forma que a mão dos sujeitos investigados que nos chamou mais atenção. Isso quer dizer que como a visão de uma pessoa sobre o surfista na terceira onda é de difícil visualização, as mãos dos sinalizantes, de forma idêntica, pormenorizou a transferência de tamanho na imagem que representaria o surfista (bem pequenino).

Figura 12 - Transferência de tamanho (surfista).



Fonte: elaborada pelo autor.

No que tange a transferência de forma, nos ateremos mais a representação da imagem da prancha que o sinalizador indica para narrar, em especial, essa transferência foi mais marcada pelo corpo do sinalizante.

Na sinalização do vídeo 3, a mão que representa a onda é visivelmente mais ampla do que no vídeo 1, e, principalmente, no vídeo 3 que correspondendo ao evento do vídeo original. A posição dos ombros acompanha essa variação, assumindo uma postura neutra no vídeo 1, mais tensa no vídeo 2 e foi considerada estendida no vídeo 3.

Dessa forma, podemos dizer que a transferência de tamanho e de forma representada pelos sujeitos investigados se deram de uma forma bastante similar, mesmo que não tenham utilizados sinais padronizados a libras, uma vez que não encontramos sinais padronizados no evento narrado. Assim, salientamos que a comunicação foi rapidamente percebida, transmitida sem apresentar nenhuma lacuna na transmissão da mensagem. Dessa maneira, asseveramos que a transferência de tamanho e de forma desempenhou um papel essencial na sinalização, sendo facilmente identificável.

4.2.2 Transferência Espacial (TE)

A transferência espacial, de acordo com a literatura especializada (CUXAC, 2005; CAMPELLO, 2008), ocorrer em um signo que é dimensional, bidimensional ou tridimensional. Visto que, o que influencia o espaço é a localização, a profundidade espacial (para baixo, para cima), o tamanho (intensidade), isolamento ou grupal, diferenças de status e interesse intrínseco. Vejamos, como a transferência espacial foi reconhecida nas narrações dos informantes da pesquisa.

Em um primeiro momento, no vídeo 1, observamos a a direção do olhar dos dois participantes. Em ambos foram realizadas de cima para baixo. Assim, analisamos no sentido representacional da qual se deu a direção do deslocamento do surfista na onda. Seguindo essa hipótese, uma intensificação do olhar (maior abertura dos olhos), expressaria a atenção do sinalizante dispensada ao referente principal.

Imagem 4 - Representação sinalizada do primeiro vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

Já na narrativa do segundo vídeo 2, observamos que um dos sinalizantes olha para as mãos representando a onda e o surfista). Já o segundo sinalizante olha para o ponto final do deslocamento. A interpretação, nesse caso, revela uma representatividade de antecipação do objetivo do movimento. Assim, salientamos que a direção do olhar evidencia o foco/ponto de atenção da descrição.

Imagem 5 - Representação sinalizada do segundo vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

De uma forma bem próxima, identificamos essa mesma representação de olhar no vídeo 3. Um dos participantes mantém o olhar na mesma direção em que está o movimento, enquanto o outro sinalizante olha para o lado. Aqui podemos inferir a antecipação, o planejamento da manobra que a onda realiza para que o surfista desapareça da cena. Nesse sentido, os dados coletos revelam que na descrição de uma mesma narrativa cada sinalizante exploram pontos de referência espacial de forma distinta. O primeiro realiza a transferência espacial a partir do movimento da onda e o segundo sinalizante utiliza o olhar para o lado.

Imagem 6 - Representação sinalizada do terceiro vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

Seguindo a linha argumentativa dos especialistas na área (CUXAC, 2005; CAMPELLO, 2008), a direção do olhar entra na composição do signo linguístico como transferência espacial, visto que marca a posição da onda em relação ao surfista. O espaço da onda não está ligado ao corpo, mas ao espaço neutro.

De acordo com Campello (2008), um objeto mais saliente do contexto narrativo por possuir características mais marcantes poderia ser destacado na transferência, no caso específico, transferência espacial. Pois, o signo visualizado em forma de representação de sinais mostra mais forma de um objeto e prende mais atenção do observador devido a sua complexidade dos signos e outras peculiaridades como os brilhos, os adornos, e outros.

Cabe destacar que há diversas estratégias possíveis para a expressão pessoal (estilística): o uso de incorporação, classificadores, iconicidade, entre outras.

No caso de SURFAR[passar] BARRA[segurar], apesar de o sinalizador não sinalizar os sinais VER ou CONFIANÇA, essas ideias são

veiculadas pela expressão facial e pelo movimento do corpo acompanhar o movimento da sinalização, como podemos exemplificar com as representações a seguir:

Imagem 7 - Representação sinalizada do primeiro vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

No caso de SURFAR [passar] ONDA [pequen@], a direção do olhar indica a antecipação do movimento a seguir (a quebra da onda).

Imagem 8 - Representação sinalizada do segundo vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

4.2.3 Transferência de Localização (TL)

A transferência de localização é relatada por Campello (2008) como uma transferência complexa, visto que o que a influencia é a

gravidade. Nesse aspecto, temos de considera que a observação sobre a direção exercerá forte influencia na representação imagética.

Dessa forma, a direção exerce várias funções na recepção das percepções visuais, funcionando como um sistema de compensação. As características dependerão das propriedades da transferência daquilo que se vê.

Na descrição do vídeo 1, os dois participantes usaram a mão esquerda para a expressão da onda e a mão direita para o corpo do surfista ou prancha. A mão representando a onda realizou movimentos mais curtos, enquanto a mão representando a pessoa realizou movimentos mais compridos, alternando a significativamente a localização e marcando os pontos de início e fim do deslocamento, como mostra a imagem:

Imagem 9 - Representação sinalizada do primeiro vídeo.

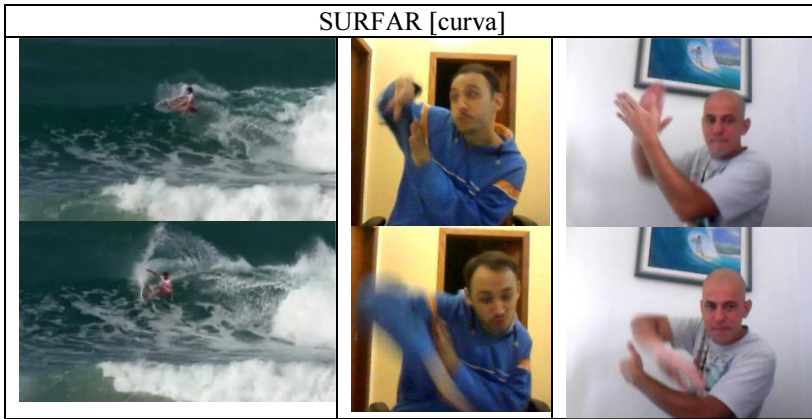


Fonte: elaborada o autor.

Segundo a linguista, outras características também dependem da localização do ponto de aplicação, sua intensidade, movimento direcional e direção. Na localização do ponto de aplicação observa-se que se relaciona mais com a direção do ponto ao qual o signo está direcionado.

No relato do segundo vídeo, encontramos a mudança na orientação da mão que representa a onda indicando a sua subida, um modelo de formação da “parede”, onde a manobra é realizada.

Imagem 10 - Representação sinalizada do segundo vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

No terceiro vídeo, destacamos como referência espacial o deslocamento da mão. Nesse caso, representa a pessoa é análogo ao deslocamento da pessoa na onda (para baixo, para frente). Semelhantemente, a mudança da locação da mão-onda marca a quebra da onda.

Imagem 11 - Representação sinalizada do terceiro vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

Segundo Campello (2008), a característica dessa transferência evidencia as posições relativas entre dois ou mais referentes, nesse caso da onda e do surfista. Assim, cada mudança na locação do sinal codifica uma mudança de locação no indivíduo referido, explicitando os seus pontos inicial e final. O surfista que foi encoberto pela onda.

4.2.4 Transferência de Movimento (TM)

A transferência de movimento é definida como a expressão da percepção da maneira de movimento do referente. No caso da presente pesquisa é a mais perceptiva, visto que o tema dos vídeos selecionados envolve o movimento da onda sobre o surfista. Esse tipo de transferência tem de realizar uma forma de equilíbrio visual que se pode utilizar diferentes formas. No entanto, destacamos as características opositivas como: Alto e de Baixo que são bem compreendidas e executadas em contextos visuais (CAMPELLO, 2008).

No primeiro vídeo apresentado aos sujeitos investigados, observamos a transferência de movimento quando a representação da onda é realizado por uma das mãos seguindo um movimento semicircular por sobre outra mão que representa o surfista se movimentando em linha reta. Aqui destacamos que o movimento linha reta nos trás a imagem de que o surfista não caiu nessa onda, se manteve em cima da prancha. Dessa forma, a onda tem uma representatividade de grande, porém o movimento não está em destaque como nos demais vídeos.

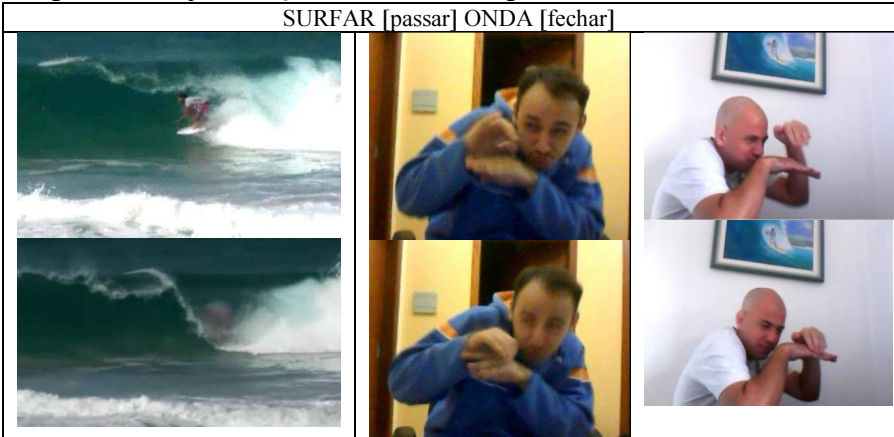
Imagem 12 - Representação sinalizada do primeiro vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

Na representatividade do movimento da onda e do surfista no segundo vídeo são narradas de uma forma bastante similar ao do primeiro vídeo. Tal semelhança é esperada, uma vez que se trata da temática de surfe. O que encontramos de diferença foi a amplitude do movimento para narrar a os movimentos e a velocidade da segunda onda apresentada. Como destacamos nas imagens abaixo:

Imagem 13 - Representação sinalizada do segundo vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

Na descrição do terceiro vídeo encontramos a transferência do movimento com maior clareza e destaque. Os dois sujeitos investigados representaram o movimento da onda utilizando as duas mãos, diferentemente dos outros dois vídeos apresentados. As duas mãos focalizaram a amplitude da onda fazendo com que o surfista sumisse na representação. Ou seja, exatamente o que o tema do terceiro vídeo: a onda muito grande ao passar pelo surfista, ele desaparece e a onda domina a imagem, encobre tudo.

Imagem 14 - Representação sinalizada do terceiro vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

De acordo com Campello, a transferência de movimento tem funções diferenciadas, permitindo vários modos de expressão de diversas características do movimento retratado. Permitem também a associação de outros valores do contexto, no tema investigado o domínio da onda grande sobre toda a imagem.

Seguindo essa linha de pensamento e articulando sobre a importância da transferência de movimento como maior destaque no tema proposto, observamos que no primeiro vídeo a representação icônica da aceleração do movimento. Tal aceleração nos chamou atenção. Um recurso indispensável para a compreensão da narrativa proposta. Trazendo um índice de significância pleno para a transmissão da comunicação desejada. Assim, acrescentamos na transferência de movimento o recurso de aceleração, como enfatizamos nos exemplos abaixo:

Imagem 15 - Representação sinalizada do primeiro vídeo.

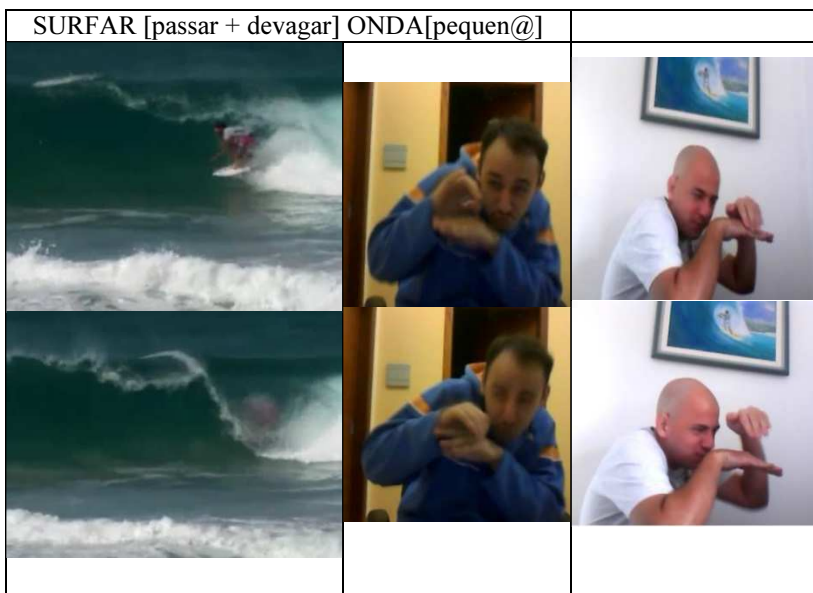


Fonte: elaborada pelo autor.

Assim, concluímos aqui que a representação do fechar súbito da onda sobre o surfista é efetivado claramente através do movimento acelerado. O mesmo recurso foi identificado no segundo vídeo, ao qual as manobras curvilíneas sobre a onda foram representadas por movimentos rápidos (aceleração)

Outra forma de significação, seguindo esse mesmo recurso, no entanto de forma contrária (desaceleração) foram encontradas nas descrições do segundo e terceiro vídeo quando a desaceleração ou lentidão foram representações marcadas para descrever o fechamento da onda sobre o surfista, ou seja, representado de uma forma lenta para significar o encobrir (vídeo 2).

Imagem 16 - Representação sinalizada do segundo vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

No terceiro vídeo o mesmo recurso se demonstrou eficaz para marcar a distância entre o topo da onda e o surfista evocando uma sinalização mais lenta. É sabido que o fenômeno natural de uma onda não ocorre de forma lenta, mas que no processo de narração dos temas o recurso de lentidão ou aceleração de movimento foram utilizados para dar representatividade na intenção do fato narrado. Como pode ser visto nas imagens abaixo:

Imagem 17 - Representação sinalizada do terceiro vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

No vídeo 1, o fechar súbito da onda sobre o surfista é representado através do movimento acelerado. Semelhantemente, no vídeo 2, as manobras curvilíneas sobre a onda são representadas por movimentos rápidos.

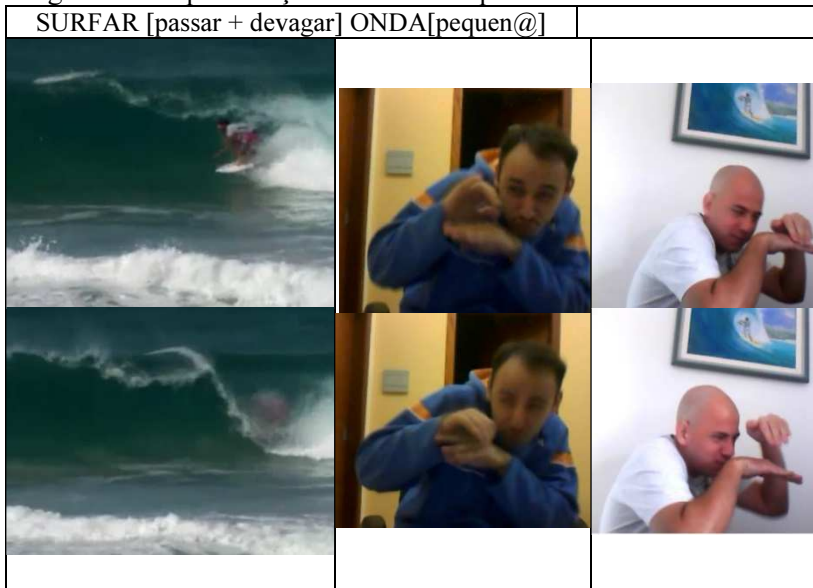
Imagem 18 - Representação sinalizada do primeiro vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

Nas descrições dos vídeos 2 e 3, o fechamento da onda sobre o surfista é significativamente representada de forma mais lenta do que no vídeo 1. No caso do vídeo 3, a distância entre o topo da onda e o surfista pode interferir nessa sinalização mais lenta.

Imagem 19 - Representação sinalizada do primeiro vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

Imagem 20 - Representação sinalizada do primeiro vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

É importante observar que, tanto nos casos de alteração de velocidade da expressão representada identificamos que a estrutura segue os padrões linguísticos das regras de estrutura do sinal.

4.2.5 Transferência de Incorporação (TI)

A transferência de incorporação é vista como a transferência mais completa, visto que uma das características da estrutura da significação das línguas de sinais se dá, em grande parte, pela incorporação de objetos.

Nas narrações analisadas, verificamos que os dois sujeitos se atem em demonstrar as ações realizadas pelo surfista em conformidade com o tipo de onda. Observamos que, em especial, uma das mãos se transforma na onda e a outra mão no surfista e em conjunto a expressão facial e corporal são movimentadas a partir da ideia narrada.

A partir dessas considerações, assinalamos que a transferência de incorporação se deu de maneira muito semelhante na produção dos dois participantes, porém com pequeninas diferenças. Na descrição do primeiro vídeo, o sujeito investigado realiza a marca da onda no movimento das mãos e dos ombros o movimento das ondas, enquanto a expressão facial se dá com o cenho franzido, indicando obstinação, convicção (“garra”, na linguagem do surfe).

Imagem 21 - Representação sinalizada do primeiro vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

Já o segundo sinalizante realiza a onda com uma das mãos e o surfista com a outra, mas o movimento dos ombros acompanha o movimento da mão-onda, indicando a incorporação desta.

Observemos que os aspectos linguísticos vão aparecendo nas narrativas a partir das expressões corporais. De acordo com a literatura especializada (CUXAC, 2005; CAMPELLO, 2008) sabemos que as expressões faciais e corporais elas são capazes de mostrarem o estado do espírito do narrador transferido, tanto como na relação que se estabelece entre o narrador e o plano da ação que está realizando (CAMPELLO, 2008).

A estudiosa nos revela que na descrição visual, a visão como exploração ativa requer um mínimo de indício para a perceptiva visual. “A prática cotidiana do ‘ver’ com os próprios olhos, por meio de orientação visual, é ver os signos que estão presentes em lugar certo e que estão fazendo uma determinada coisa” (CAMPELLO, 2008, p. 179).

No segundo vídeo, a manobra de curva no topo da onda é a qual mais se destacou. Acreditamos que tal representatividade se deva por ser considerada uma manobra complicada para os surfistas. Eles sinalizam incorporando a prancha com as mãos, postura e direção do olhar. Cabe destacar que, a direção visual é uma característica indispensável na construção dos significados nas línguas sinalizadas. Para Campello (2008, p. 175), “[...] os olhos do observador se manifestam diante da situação ou do acontecimento ou da percepção visual que norteia em sua volta”. Por isso, a direção visual é considerada uma das características mais importantes para direcionalidade para com o signo nas línguas de sinais.

Imagem 22 - Representação sinalizada do segundo vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

No terceiro vídeo, ao qual relata a ida do surfista com um jet ski em direção ao alto mar em busca de uma onda grande identificamos que os dois sinalizantes fazem a incorporação do surfista segurando a barra do jet ski.

Imagem 23 - Representação sinalizada do terceiro vídeo.



Fonte: elaborada pelo autor.

Percebemos que a transferência de incorporação nos dados coletados envolveu várias formas de incorporação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo comunicativo os gestos, as expressões faciais e corporais são utilizadas como recurso para transmissão de sentimentos. Mesmo que esses fenômenos não venham a ser muito estudados no campo acadêmico e científico na comunicação de surdos esses recursos são indispensáveis para compreensão.

Como surdo, posso dizer que os gestos e as expressões são facilmente percebidas pelos surdos e que elas facilitam a compreensão da mensagem a ser passada. Como entrei em contato com a libras aos dezesseis anos de idade meu convívio social (familiar e escolar) dependeu quase que exclusivamente desses recursos. Depois do contato com a libras tive muita facilidade em me expressar e compreender mais o mundo, no entanto nem todas as pessoas de meu convívio conhecem ou aprenderam libras. Por este motivo os temas desenvolvidos na presente dissertação retratam dos aspectos linguísticos (iconicidade e transferência) que utilizo na comunicação com os ouvintes. Busquei mostrar que são tão importantes quanto outros conceitos gramaticais e semióticos na efetivação da comunicação.

Como linguista e em contato com disciplinas focadas na parte de descrição linguística, percebi que a iconicidade e a transferência eram recursos comunicativos mais comum do que retratam os estudos linguísticos. Deparei-me com a falta de materiais nessa área. Partindo das dificuldades encontradas, os resultados descritos e analisados, dessa pesquisa, visam contribuir com a importância que a gestualidade e a iconicidade podem enriquecer as teorias linguísticas, visto que as mesmas são utilizadas na comunicação de surdos e de ouvintes, o que faltam são estudos de descrição linguística nessa área.

De acordo com Costa (2012, p. 43), quando os seres humanos nascem para conhecer o mundo passam a produzir sentidos através das experiências humanas como ver as imagens, respirar o ar, ouvir os sons dos animais, comer as frutas e tocar as coisas. “A gestualidade ganha a sua significação antes de tudo nessas experiências do corpo em interação com o mundo e por isso separa-la dos processos linguísticos e comunicativos torna-se arbitrário”.

Partindo dessas considerações, a presente dissertação teve como objetivo geral descrever quais os tipos de transferências – descrição linguística - são encontrados em um processo comunicativo dos surdos – descrição gestual/icônica. Tal objetivo se firma na importância de a libras ser uma língua de sinalizada, de modalidade visual-espacial que tem uma estrutura gramatical definida (fonética, fonologia, morfologia, sintaxe,

pragmática e semântica) que é considerada a língua natural dos surdos, utilizada pela comunidade surda e também é utilizada pelos ouvintes.

Com esse objetivo, busquei verificar como a descrição imagética das línguas de sinais são indispensáveis para comunicação. Dessa forma, delinieie três objetivos específicos, sendo: 1) Descrever os tipos de transferências em uma situação específica (surf) da comunicação dos surdos. 2) Identificar como os tipos de transferências se manifestam na comunicação sinalizada que ocorrem sem sinais padronizados e 3) Analisar as produções dos surdos tendo os aspectos de visualidade como centro.

Esses objetivos surgiram se tornaram consistentes a partir das considerações que Cuxac (2001) realiza sobre a função a importância da descrição das transferências, visto que nas línguas de sinais a descrição das transferências abrange a iconicidade, a corporeidade, entre outros aspectos da visualidade que as línguas orais não enfatizam. Assim, podemos salientar que a iconicidade e a arbitrariedade nas línguas de sinais sempre existiram e que as teorias linguísticas precisam ir além dos aspectos da convencionalidade do signo linguístico (CAMPELO, 2008).

Seguindo essa linha de pensamento, em especial, os estudos de (CUXAC, 2005; CAMPELLO, 2008), os resultados encontrados confirmaram e responderam as hipóteses norteadoras da pesquisa, em especial, 1) Como um sinalizante de um determinado grupo (surfista) consegue (se consegue) expressar um conteúdo específico de sua comunidade (a descrição de uma onda). 2) Quais seriam os classificadores utilizados para efetivar a comunicação em libras. 3) Como um sinalizante não-pertencente ao grupo consegue compreender o que está sendo dito, mediante a com riqueza de detalhes típicas de uma narrativa.

Os resultados evidenciaram que os cinco tipos de transferências 1) Transferência de Tamanho e de Forma – TTF; 2) Transferência Espacial – TE; 3) Transferência de Localização – TL; 4) Transferência de Movimento – TM e; 5) Transferência de Incorporação – TI, apresentadas por Campelo (2008), foram facilmente identificadas e descritas nas produções solicitadas dos participantes surdos na temática de descrição das ondas (surfe), de forma mais detalhada:

1) Transferência de Tamanho e de Forma (TTF)

A função que a transferência de tamanho e de forma trata-se de um especialidade da estrutura icônica que tem por propósito representar um signo visual referido e descrever imageticamente sua maneira de representar.

Podemos dizer que a transferência de tamanho e de forma representada pelos sujeitos investigados se deram de uma forma bastante

similar, mesmo que não tenham utilizados sinais padronizados a libras, uma vez que não encontramos sinais padronizados no evento narrado. Assim, salientamos que a comunicação foi rapidamente percebida, transmitida sem apresentar nenhuma lacuna na transmissão da mensagem. Dessa maneira, asseveramos que a transferência de tamanho e de forma desempenhou um papel essencial na sinalização, sendo facilmente identificável.

2) Transferência Espacial (TE)

A transferência espacial ocorrer em um signo que é dimensional, bidimensional ou tridimensional. Visto que, o que influencia o espaço é a localização, a profundidade espacial (para baixo, para cima), o tamanho (intensidade), isolamento ou grupal, diferenças de status e interesse intrínseco.

Observamos que nesse tipo de transferência a direção do olhar entrou na composição do signo linguístico como transferência espacial. Ela marcou a posição da onda em relação ao surfista. O espaço da onda não foi relacionado ao corpo, mas no espaço neutro.

3) Transferência de Localização (TL)

A transferência de localização é como uma transferência complexa, visto que o que a influencia é a gravidade. Nesse aspecto, temos de considerar que a observação sobre a direção exercerá forte influência na representação imagética.

Dessa forma, a direção exerce várias funções na recepção das percepções visuais, funcionando como um sistema de compensação. As características dependerão das propriedades da transferência daquilo que se vê.

Nessa transferência, a mudança da locação da mão-onda foi marcada na quebra da onda. As transferências de locação evidenciam as posições relativas entre dois ou mais referentes. Assim, cada mudança na locação do sinal codifica uma mudança de locação no indivíduo referido, explicitando os seus pontos inicial e final.

4) Transferência de Movimento (TM)

A transferência de movimento é definida como a expressão da percepção da maneira de movimento do referente. No caso da presente pesquisa é a mais perceptiva, visto que o tema dos vídeos selecionados envolve o movimento da onda sobre o surfista. Esse tipo de transferência tem de realizar uma forma de equilíbrio visual que se pode utilizar diferentes formas.

Considerando que a transferência de movimento tem funções diferenciadas, permitindo vários modos de expressão de diversas

características do movimento retratado. Permitem também a associação de outros valores do contexto (CAMPELO, 2008).

Essa transferência foi a qual mais se destacou durante toda a investigação, visto que a temática da pesquisa gerou em torno do tipo de onda (rápida, devagar, subitamente). Isso é, foi utilizada como um recurso importante para o detalhamento, esclarecimento da comunicação. Percebe-se que ideias abstratas (no contexto do surfe, força, velocidade) são associadas a eventos concretos (uma onda alta).

5) Transferência de Incorporação (TI)

A transferência de incorporação é vista como a transferência mais completa, visto que uma das características da estrutura da significação das línguas de sinais se dá, em grande parte, pela incorporação de objetos.

Percebe-se que a transferência de incorporação envolve os demais tipos de incorporação. Ela foi realizada de maneira muito semelhante na produção dos dois participantes. Para representarem o tipo de onda e a maneira como o surfista se manteve na mesma fizeram uso das expressões corporais, faciais, velocidade até que tivessem a certeza de que a mensagem seria compreendida.

Dessa forma, os dados alcançados nessa investigação podem contribuir para a demonstrar que as transferências são recursos indispensáveis para a comunicação dos surdos, em especial, com ouvintes e ou com contextos que não apresentam sinais convencionados, como é o caso da temática surfe. Junto a isso, podemos mostra que os aspectos que envolvem a comunicação visual (iconicidade, gestualidade, entre outros) se faz presente e com o mesmo valor linguístico do que outros aspectos gramaticais.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2005.

ARONOFF, Mark *et al.* Classifier constructions and morphology in two sign languages. In: EMMOREY, Karen (Editor). **Perspectives on classifier constructions in sign languages**. Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1929.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In: **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul., 2005.

BRASIL. Decreto-lei nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Seção 1, p. 30.

_____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 25 de abril de 2002.

Disponível em:

<<http://www.feneis.org.br/legislacao/Libras/Lei%2010.436.htm>>.

Acesso em: 10 mar. 2007.

BRITO, L. F. **Por uma gramática da Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

BUYSSSENS, E. **Semiologia e Comunicação Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1972.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo, Cortez, 2005.

CAMPELLO, A. R. **Aspectos da Visualidade na Educação de Surdos**. 2008. Tese – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

COROA, M. L. **Programa Gestão da Aprendizagem Escolar-Gestar II**. Língua Portuguesa: Caderno de Teoria e Prática 3 – TP3: gêneros e tipos textuais. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2008.

COSTA, V. H. S. da. **Iconicidade e Produtividade na Língua Brasileira de Sinais: a Dupla Articulação da Linguagem em Perspectiva**. 2012. Dissertação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

CUXAC, Christian. **As línguas de sinais: analisadores da faculdade de linguagem; em Aquisição e Interação em Língua Estrangeira [em linha], as Línguas de Sinais: uma perspectiva semiogenética**. Disponível em: <<http://www.aile.revues.org/document536.html>>. . Acesso em: 06 ago. 2014.

ECO, U. **Tratado de Semiótica Geral**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi e Gilson César Cardoso. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

ECKMAN, P.; FRIESEN, W. V. The repertoire of non-verbal behavioral categories: origins, usage, and coding. In: **Semiotics**, v. 1, p. 49-98, 1969.

ELAN. **The institute: Max Planck Institute for Psycholinguistics, Nijmegen, The Netherlands. Language Archiving Technology, 2005**. Disponível em: <<http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/>>. Acesso em: 25 out. 2014.

EPSTEIN, Isaac. **O signo**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

DITTMAN, A. T.; LILEWELYN, L. Relationship between vocalization and head nods as listener responses. In: **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 9, n. 1, p. 79-84, 1968.

DINIZ, H. G. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras):** um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. 2010. Dissertação. Florianópolis, Santa Catarina, 2010.

FUSELLIER-SOUZA, I. **Sémiogenèse des Langues des Signes:** Étude de langues des signes primaires (LSP) pratiquées par des sourds brésiliens. Université Paris, 2004.

GERALDI, W. **Portos de Passagem.** 2. ed., São Paulo: Martins Fontes Editora, 1993.

GESSER, Audrei. **Libras ? Que língua é essa ?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GESUELI, Z. A Narrativa em língua de sinais: u, olhar sobre os classificadores. In: QUADROS, R. M., STUMPF, M. R. (Orgs.). **Estudos Surdos IV.** Petrópolis: Arara Azul, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, Luis. **Metodologias de pesquisa em comunicação:** olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação.** São Paulo: Cultrix, 2001.

KENDON, A. Gesticulation and speech: two aspects of the process of utterance. In: M. R. KEY (Editor). **The relation between verbal and nonverbal communication.** The Hague: Mouton, 1980.

KEY, Mary Ritichie. In: **Preliminary Remarks on Paralanguage and Kinesics in Human Communication**, La Linguistique, v. 9, n. 2, p. 17-26, 1970.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of Language.** Massachusetts: University Press, 1979.

KNAPP, M.; HALL, J. **Comunicação não-verbal na interação humana**. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: JSN, 1999.

KRAUSS, R. M.; CHEN, Y.; GOTTESMAN, R. F. Lexical gestures and lexical access: a process model. In: MCNEILL, D. **Language and Gesture**. Chicago: Cambridge University Press, 2000.

LEITE, T. A. **A segmentação da Língua de Sinais Brasileira (Libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos**. 2008. Tese – Universidade de São Paulo, 2008.

LIDDELL, S. K. In: **THINK and BELIEVE: Sequentiality in American Sign Language**, v. 60, p. 372 -99, 1984.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Manual de lingüística**. São Paulo: Contexto, 2010.

MARTINET, J. **Chaves para a Semiologia**. Traduzido por Antonio José Massano e Isabel Pascoal. Publicações Dom Quixote, 1974.

MCNEILL, D. **Language and Gesture**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

_____. **Hand and mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

NAKAGAWA, Fábio. In: **Sadão UNIrevista**, v. 1, n. 3, jul., 2006.

ÖZYÜREK, A. The influence of addresses location on spatial language and representational gestures of direction. In: MCNEILL, D. **Language and Gesture**. Chicago: Cambridge University Press, 2000.

PIMENTA, N. A. **Tradução de Fábulas Seguindo Aspectos Imagéticos da Linguagem Cinematográfica e da Língua De Sinais**. 2012. Dissertação. Florianópolis, Santa Catarina, 2012.

POYATOS, F. The Morphological and Functional Approach to Kinesics in the of Interation and Culture. In: **Semiotics**, v. 20, n. 3, p. 197-228, 1977.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RECTOR, M.; TRINTA, A. **Comunicação Não-Verbal: a gestualidade brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1985.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHEMBRI, Adam. Rethinking ‘Classifiers’ in Signed Languages. In: EMMOREY, Karen. (Editor). **Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages**, London, Erlbaum Associates, Publishers, p. 3-34, 2003.

SCHMITT, D. **A história da língua de sinais em Santa Catarina: contextos sócio-históricos e sociolinguísticos de surdos de 1946 a 2010**. 2013. 228 f. Florianópolis, Santa Catarina, 2013.

SUPALLA, Ted. The classifier system in American Sign Language. In: CRAIG, Colette. (Editor). **Typological studies in language: noun classes and categorization**. 7. ed. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1986.

STOKOE, W. C., Jr. Sign Language Structure: An outline of the Visual Communication Systems of American Deaf. Studies in Linguistics: Occasional Papers 8. Buffalo, NY: University of Buffalo. In: **Rev. Ed. Silver Spring**, 1960.

STROBEL, Karin; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

TAUB, SARAH F. Iconicity in American sign language: concrete and metaphorical applications. In: **Spatial Cognition and Computation**, v. 2, p. 31–50, 2000.

WUNDT, W. **The Language of Gesture**. The Hague: Mouton, 1973.

WILCOX, Sherman. Cognitive iconicity: Conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. In: **Cognitive Linguistics**, v. 15, n. 2, p. 119-147, 2004a.

_____. Gesture and language, Cross-linguistic and historical data from signed languages, v. 4, n. 1, p. 43-73, 2004b.

APÊNDICE A – Vídeos.**VÍDEO 1 S.**

ONDA RAPIDO



PASSAR.ATE FOTOS SAULO



PASSAR ONDA CONTINUA FOTOS SAULO



PASSAR ONDA FOTOS SAULO 1



PASSAR ONDA PARTIR A FECHAR FOTOS SAULO



PASSAR ONDA PARTIR A FECHAR MAIS FOTOS SAULO



PASSAR SURF CONTINUA FOTOS SAULO



PASSAR SURF CONTINUA MAIS FOTOS SAULO



PASSAR SURF EM BAIXO FOTOS SAULO



PASSAR SURF EM CIMA FOTOS SAULO



PASSAR SURF FOTOS SAULO 1

VÍDEO 2



FOTOS 1



FOTOS 2



FOTOS 3



FOTOS 4



FOTOS 5



FOTOS 6



FOTOS 7



FOTOS 8



FOTOS 9



FOTOS 10



FOTOS 11



FOTOS 12



FOTOS 13

VÍDEO 3



FOTOS 1



FOTOS 2



FOTOS 3



FOTOS 4



FOTOS 5



FOTOS 6



FOTOS 7



FOTOS 8



FOTOS 9



FOTOS 10



FOTOS 11



FOTOS 12



FOTOS 13



FOTOS 14



FOTOS 15



FOTOS 16



FOTOS 17



FOTOS 18



FOTOS 19



FOTOS 20



FOTOS 21



FOTOS 22



FOTOS 23



FOTOS 24



FOTOS 25



FOTOS 26



FOTOS 27



FOTOS 28



FOTOS 29



FOTOS 30



FOTOS 31



FOTOS 32



FOTOS 33

VÍDEO 1 R.



EM PE PRANCHA sinal - vídeo 1 RAMA



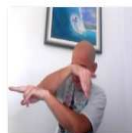
ENTRAR EM PE PRANCHA incorporação - vídeo 1 RAMA



GRANDE ONDA classificador - vídeo 1 RAMA



GRANDE ONDA(continua 1) classificador - vídeo 1 RAMA



GRANDE ONDA(continua 2) classificador - vídeo 1 RAMA



GRANDE ONDA(continua) classificador - vídeo 1 RAMA



LEVANTAR incorporação - vídeo 1 RAMA



NADAR incorporação - vídeo 1 RAMA



PEQUENA ONDA classificador - vídeo 1 RAMA



PEQUENA ONDA(continua 1) classificador - vídeo 1 RAMA



PEQUENA ONDA(continua 2) +ALTERAR CM classificador - vídeo 1 RAMA



PEQUENA ONDA(continua) classificador - vídeo 1 RAMA



SURF CONTINUA incorporação vídeo 1



SURF CURVA ESQUERDA incorporação vídeo 1



SURF CURVA incorporação vídeo 1



SURF EM PÉ CONTINUA classificador vídeo 1



SURF incorporação - vídeo 1 RAMA

VÍDEO 2



CURVAR DIREITA EM ONDA classificador vídeo 2



CURVAR EM PRANCHA classificador vídeo 2



CURVAR ESQUERDA EM PRANCHA classificador vídeo 2



CURVAR MAIS PARA ONDA classificador vídeo 2



CURVAR MENOR PARA ONDA PEQUENA classificador vídeo 2



DESCER EM ONDA classificador vídeo 2



DESCER PARA CURVAR EM ONDA classificador vídeo 2



LEVANTAR EM PRANCHA incorporação vídeo 2



NADAR EM PRANCHA incorporação vídeo 2



PASSAR DENTRO DA ONDA classificador vídeo 2



PASSAR DENTRO DA ONDA FECHADA classificador vídeo 2



PASSAR DENTRO DA ONDA PEQUENA classificador vídeo 2



PASSAR FORA DA ONDA PEQUENA 0 classificador vídeo 2



PASSAR FORA DA ONDA PEQUENA classificador vídeo 2



PASSAR PARA ONDA PEQUENA classificador vídeo 2



PASSAR PARA TOCAR ONDA PEQUENA classificador vídeo 2

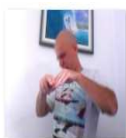


SUBIR EM ONDA classificador vídeo 2

VÍDEO 3



CARREGAR DE JET
incorporação vídeo 3



PARTIR DE CAIR (PESSOA
PEQUENA) ONDA FECHADA
classificador + incorporação
vídeo 3



PARTIR DE CAIR (PESSOA
PEQUENA) ONDA FECHADA
classificador vídeo 3



PARTIR DE CAIR 1 (PESSOA
PEQUENA) ONDA FECHADA
classificador + incorporação
vídeo 3



PARTIR DE CAIR 1 (PESSOA
PEQUENA) ONDA FECHADA
classificador vídeo 3



PARTIR DE CAIR 2 (PESSOA
PEQUENA) ONDA FECHADA
classificador + incorporação
vídeo 3



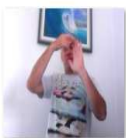
PARTIR DE CAIR 2 (PESSOA
PEQUENA) ONDA FECHADA
classificador vídeo 3



PARTIR DE CAIR 3 (PESSOA
PEQUENA) ONDA FECHADA
classificador + incorporação
vídeo 3



PARTIR DE CAIR 4 (PESSOA
PEQUENA) ONDA FECHADA
classificador + incorporação
vídeo 3



PARTIR DE ONDA EM
PRANCHA classificador vídeo 3



PASSAR (PESSOA PEQUENA)
ONDA EM PRANCHA
classificador vídeo 3



PASSAR (PESSOA) ONDA EM
PRANCHA classificador vídeo 3



PASSAR 1 (PESSOA PEQUENA)
ONDA EM PRANCHA
classificador vídeo 3



PASSAR 1 (PESSOA) ONDA EM
PRANCHA classificador vídeo 3



PASSAR 2 (PESSOA PEQUENA)
ONDA EM PRANCHA
classificador vídeo 3



PASSAR 2 (PESSOA) ONDA EM
PRANCHA classificador vídeo 3



PASSAR 3 (PESSOA PEQUENA)
ONDA EM PRANCHA
classificador vídeo 3



PASSAR 3 (PESSOA) ONDA EM
PRANCHA classificador vídeo 3



PASSAR 4 (PESSOA PEQUENA)
ONDA EM PRANCHA
classificador vídeo 3



PASSAR 4 (PESSOA) ONDA EM
PRANCHA classificador vídeo 3



PASSAR 5 (PESSOA PEQUENA)
ONDA EM PRANCHA
classificador vídeo 3



SOLTAR DE JET incorporação
vídeo 3



SOLTAR LEVANTAR EM MÃO
DE JET incorporação vídeo 3

VÍDEO 1 ONDA



PARTIR ONDA FECHADA



PARTIR ONDA MEIO FECHADA E CURVAR



PARTIR ONDA MEIO FECHADA E PULAR



PARTIR ONDA MEIO FECHADA



PARTIR ONDA



TERMINA ONDA E SURF CONTINUAR ATÉ FINAL



TERMINA ONDA E SURF CONTINUAR

VÍDEO 2



FOTOS 1



FOTOS 2



FOTOS 3



FOTOS 4



FOTOS 5



FOTOS 6



FOTOS 7



FOTOS 8



FOTOS 9



FOTOS 10



FOTOS 11



FOTOS 12



FOTOS 13



FOTOS 14



FOTOS 15



FOTOS 16



FOTOS 17



FOTOS 18

VÍDEO 3



FOTOS 1



FOTOS 2



FOTOS 3



FOTOS 4



FOTOS 5



FOTOS 6



FOTOS 7



FOTOS 8



FOTOS 9



FOTOS 10



FOTOS 11



FOTOS 12



ANEXO A – Termo de Consentimento e Esclarecimento.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa O ZOOM COMO RECURSO ESTILÍSTICO EFICAZ NA UTILIZAÇÃO DOS CLASSIFICADORES EM LIBRAS. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu, _____ (nome),
 _____ (profissão), residente e domiciliado na
 _____, portador da Cédula de
 identidade, RG _____, e inscrito no
 CPF/MF _____, nascido(a) em ____/____
 /____, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em
 participar como voluntário(a) do estudo “O zoom como recurso estilístico
 eficaz na utilização dos classificadores em libras”. Declaro que obtive
 todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais
 esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O estudo se faz necessário para que se possa compreender o funcionamento dos classificadores da língua de sinais;
- II) Serão feitas uma coleta de dados de língua através a filmagem dos sinais que serão realizados por mim com base em um vídeo;
- III) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- IV) Tenho a liberdade de contatar o pesquisador Marcelo Porto no e-mail marcelosurdo@hotmail.com a qualquer tempo, a fim de obter esclarecimentos sobre a pesquisa.
- V) Os resultados obtidos durante este ensaio serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados;
- VI) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados, ao final desta pesquisa.

Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) O sujeito de pesquisa ou seu representante, quando for o caso, deverá rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE - apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

